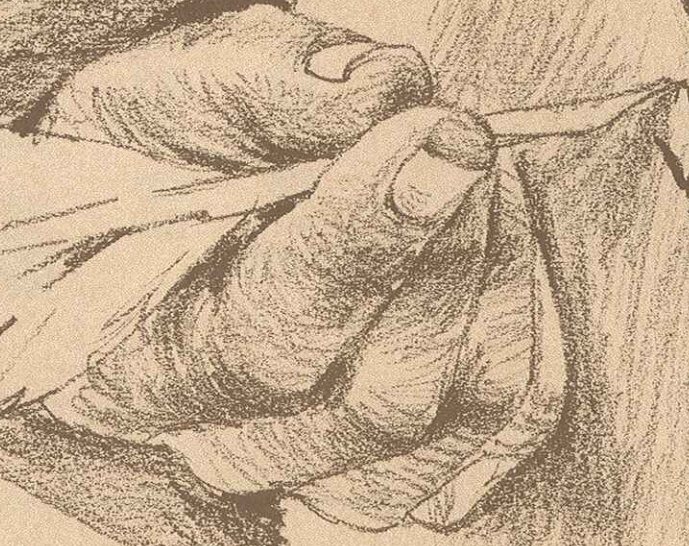


O MINISTÉRIO DOS PROFETAS NO ANTIGO TESTAMENTO



Em Marcha

O Ministério dos Profetas no Antigo Testamento

SOFONIAS

2º século do séc. VII aC

- Aproximação da ruína empre-
endida por Assíria

NAUM

fin do séc. VII aC

- Pouco antes da destruição
de Nínive em 612 aC

JERUSALÉM

JUDÁ (Reino da Sul)

- O idena sacerdotes mil-
- Aproximação "Dia de Jeová"
- Ruína da cidade (2.1-3)

JERUSALÉM

JUDÁ (Reino da Sul)

- Juízo sobre a cidade
- Salvação para os justos (1-3)

JEREMIAS

6º século do séc. VI aC

Exatidão: 0111 253 9633 e 0111 243 7538
04148-000 - Clérigos Ebraicos - 26
R. Alameda João de Fátima 300
1903
Instituto de Teologia
Instituto de Teologia

ANATOTE

JERUSALÉM - EGITO

- Contra Jerusalém e Judá
(Anúncio e Juízo de Deus)
- Confissão de Jeremias

SÉCULO VII AC

	SOFONIAS 2ª metade do séc. VII aC	NAUM fim do séc. VII aC	HABACUQUE fim do séc. VII aC	JEREMIAS fim do séc. VII aC início do séc. VI aC
neo de	- Antes da reforma empreendida por Josias	- Pouco antes da destruição de Nínive em 612 aC	- Transição do Império Assírio para o Babilônico	- 1. Josias - 2. Joacaz - 3. Joaquim - 4. Joaquim - 5. Sedecias (Zedequias)
	JERUSALÉM JUDÁ (Reino do Sul)	JERUSALÉM JUDÁ (Reino do Sul)	JERUSALÉM JUDÁ	ANATOTE JERUSALÉM - EGITO
de pe- dos po- cs lide- mildade	- Condena sincretismo religioso - Anuncia o "Dia de Javé" como julgamento - Pobreza espiritual (2.1-3)	- Julgamento divino sobre Nínive - Salmo inicial (1.2-8)	- Problema do mal no plano das nações - Justiça e soberania de Deus - Profeta pede contas a Deus (2.4; 3.17-19)	- Contra Jerusalém e Judá (Anuncia o Juízo de Deus) - Confissões de Jeremias

MINISTÉRIO DOS PROFETAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Copyright - Imprensa Metodista

1ª edição: 1987
2ª edição: 1990
3ª edição: 1993

Todos os direitos reservados pela Lei 5988 de 14/12/73

Secretário Executivo Editorial
Aluisio Faria de Siqueira

Secretário de Administração e Finanças
Renato Soares Fleischer

Redator: Paulo Roberto Garcia

Arte:

Coordenação: Juciene Carrapeiro
Composição: Maria Zélia Firmino de Sá
Arte: Ana Maria Goes
Revisão: Gisele Ferreira Franco

1993

Imprensa Metodista

R. Vigário João de Pontes 766
04748-000 - Chácara Flora - SP
Fones: (011) 523.9622 e (011) 247.5288
Fax: (011) 521.2825

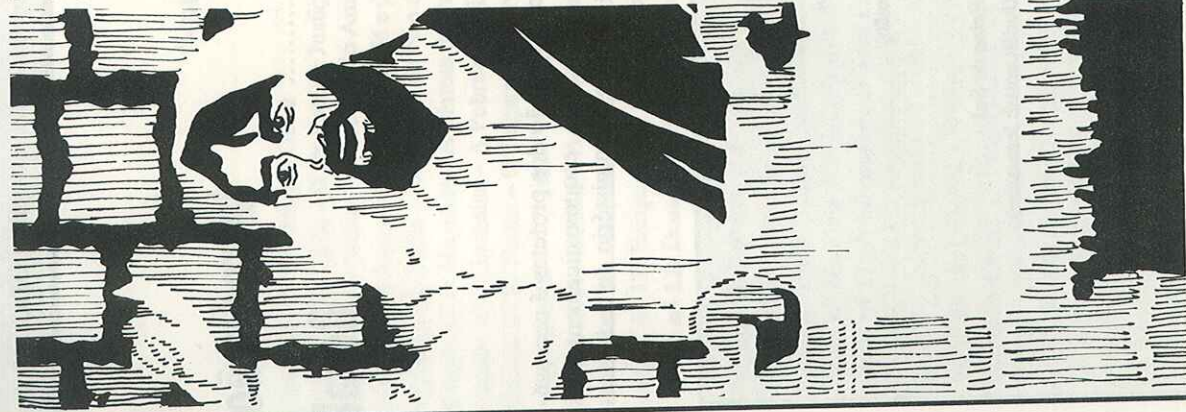
ÍNDICE

Estudo nº 1: Introdução Geral	3
Estudo nº 2: Amós - O Profeta da Justiça	7
Estudo nº 3: Oséias - O Profeta do Amor	11
Estudo nº 4: Isaias - O Profeta da Fé e da Santidade de Deus - 1ª parte	14
Estudo nº 5: Isaias - O Profeta da Fé e da Santidade de Deus - 2ª parte	20
Estudo nº 6: Miquéias - A Síntese do Profetismo no Século VIII a.C.	25
Estudo nº 7: Sofonias - A Pobreza Espiritual	29
Estudo nº 8: Naum - O Julgamento Divino Sobre a Assíria ou a Ruína de Nínive/Habacuque - "O Justo Viverá pela Fé"	34
Estudo nº 9: Jeremias - A Ruína Nacional e a Nova Aliança - 1ª parte	39
Estudo nº 10: Jeremias - A Ruína Nacional e a Nova Aliança - 2ª parte	46
Estudo nº 11: Ezequiel - O Povo no Exílio	52
Estudo nº 12: Deutero-Isaias - O Livro da Consolação de Israel	58
Estudo nº 13: Obadias - O Juízo Sobre Edom e o Dia de Javé/ Ageu - Os Dificuldades Anos de Reconstrução	65
Estudo nº 14: Zacarias - Visões da Restauração	69
Estudo nº 15: O Profeta Conclama uma Fé Autêntica - O Trito Isaias	72
Estudo nº 16: Malaquias - O Profeta Polêmico	75
Estudo nº 17: A Mensagem de Três Profetas: Joel - Um Exército de Gafanhotos/Zacarias 9-14 - A Esperança É a Última que Morre/Jonas - Deus é Diferente	79
Estudo nº 18: Daniel - A Vitória de Deus na História	87
Conclusão Geral: O Profeta É a Boca de Deus no Mundo	94

Introdução Geral

1. Para compreendermos melhor a atuação dos profetas é necessário conhecermos a história do seu povo. Eis, esquematicamente, os momentos principais desta história e o início do ministério de cada profeta:

1850 (?) - Deus chama Abraão	
1700 (?) - A família de Jacó se estabelece no Egito	
1250 - Êxodo (libertação do cativo egípcio sob Moisés)	
1200 - Israel entra em Canaã (difícil instalação)	
Reino Unido	
1030 - Início da Monarquia (Saul, Davi e Salomão)	
1000 - Davi conquista Jerusalém	
931 - A divisão do Reino - cf II Rs 12	
Reino do Norte	Reino do Sul
(Israel/Efraim - Capital: Samaria)	(Judá/Capital: Jerusalém)
875 - Elias	
850 - Eliseu	
750 - Amós e pouco depois Oséias	740 - Vocação de Isaias; neste mesmo período Miquéias
721 - Desaparecimento do Reino do Norte - Queda de Samaria diante do novo Império Assírio (Sargão II)	



- 716 – Rei Ezequias, Ministério de Isaias
 640 – Rei Josias
 630 – Sofonias
 622 – Descoberta do “Livro da Lei” (II Rs 22.3-20) – Início da reforma religiosa de Josias
 612 – Naum
 600 – (?) – Habacuque
 598 – Nabucodonosor vence o Rei Joaquim – Primeira deportação do Sul para Babilônia
 587 – Jeremias e os falsos profetas Ezequiel prediz a ruína de Jerusalém (Ez 1-23)
 – Obadias
- Queda e destruição de Jerusalém sob Nabucodonosor, rei da Babilônia
- Início o período do Exílio babilônico
- 550 – Isaias 40-55
 538 – Domínio persa: Ciro liberta Israel. Fim do exílio
 538-333 – Reinstalação na Palestina – Domínio persa
 520 – Ageu e Zacarias
 520-450 – Trito – Isaias
 450 – Missão de Esdras
 445 – Neemias – Malaquias
 350 – Joel
 340 (+/-) – Jonas
 333-332 – Alexandre o Grande (e divisão do Império entre os seus generais).
 198 – Israel sob domínio dos selêucidas – Antioco IV – persegue os judeus que preferem a morte a abandonarem a sua fé
 165 – Livro de Daniel
 63 – Domínio do Império Romano – Ano 1 de nossa era: Jesus Cristo
 70 – (depois de Cristo) – Tomada e destruição de Jerusalém

2. O Antigo Testamento não surgiu da noite para o dia. Levou muito tempo para ser escrito. O esquema abaixo comprova isto:

FORMAÇÃO DO AT

Fase das tradições quase só orais	Quase oito séculos de Abraão até o surgimento da Monarquia.
Reino Unido 1030 – 931 aC	Com Salomão temos as primeiras obras literárias.
Israel Judá 931-721 931-587	
Exílio	Importante: O Exílio provoca a mudança de mentalidade do povo.
Depois do Exílio	

Literatura reduzida, mas de extrema importância

Redação final e editoração dos livros

3. O que é ser profeta? Na linguagem popular, ser profeta é ser alguém com a capacidade de prever o futuro. Profeta é então, o vidente, o “adivinho”. No Antigo e Novo Testamento, porém ser profeta é mais do que isso. A raiz da palavra hebraica lembra os verbos anunciar e chamar. Profeta é, portanto, aquele que é chamado, aquele que anuncia; é um intérprete e mensageiro da Palavra divina (leia Êx 4.15-16; 7.1, onde boca e profeta têm o mesmo sentido – o de intérprete). Como mensageiro, o profeta fala como aquele que enviou (veja, por exemplo Gn 32.3-5; e a fórmula característica dos discursos proféticos: “Assim fala o Senhor” Am 1.3, 6.9, 11, 13). Por isso, um estudioso da Bíblia define assim a profecia bíblica: “a profecia

Amós

O Profeta da Justiça

não é simples predição, é a proclamação das intenções de Deus em relação a seu povo e ao mundo. A profecia presuppõe um certo auditório, dirige-se a um público particular, responde a uma determinada situação. É pregação dirigida a um momento determinado da história de Israel e é preciso conhecer tal momento para compreendê-la" (Vocabulário bíblico J.J. Von Allmenn, Ed. Aste). Essa é nossa tarefa nestes estudos. Compreender os profetas bíblicos e o seu tempo. Uma vez compreendida a sua mensagem, perguntaremos pela sua atualidade para nós hoje.

A ordem que vamos seguir é cronológica: Amós, Oséias, Isaías, Miquéias (séc. VIII); Sofonias, Naum, Habacuque, Jeremias, Obadias (séc. VII); Ageu, Zacarias, Malaquias, Joel, Jonas e Daniel.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- Examinem a definição de profeta apresentada no estudo (a definição tirada do Vocabulário Bíblico). O que vocês acham dela?
- Leiam o texto fundamental, onde temos a importância do verdadeiro profeta, e comparem com Jr 23.9-22, a denúncia do Senhor contra os falsos profetas. Como vocês definiriam o papel e importância do profeta/profetismo?
- Analisem a situação de nosso país, nossa igreja e sua igreja em particular. Como vocês poderiam agir como profeta? O que deveriam denunciar? O que estaria se desviando da vontade de Deus e que deveria ser apontado a fim de reverter a situação? Como vocês poderiam conduzir o povo a esta vontade?



UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE AMÓS:

1.1-2.16
3.1-15
4.1-13
5.1-27
6.1-14
7.1.9-10
9.11-15

Julgamento das Nações e de Israel
Advertências e Ameaças a Israel(a)
Advertências e Ameaças a Israel(b)
Advertências e Ameaças a Israel(c)
Advertências e Ameaças a Israel(d)
As Visões
Perspectivas de Restauração

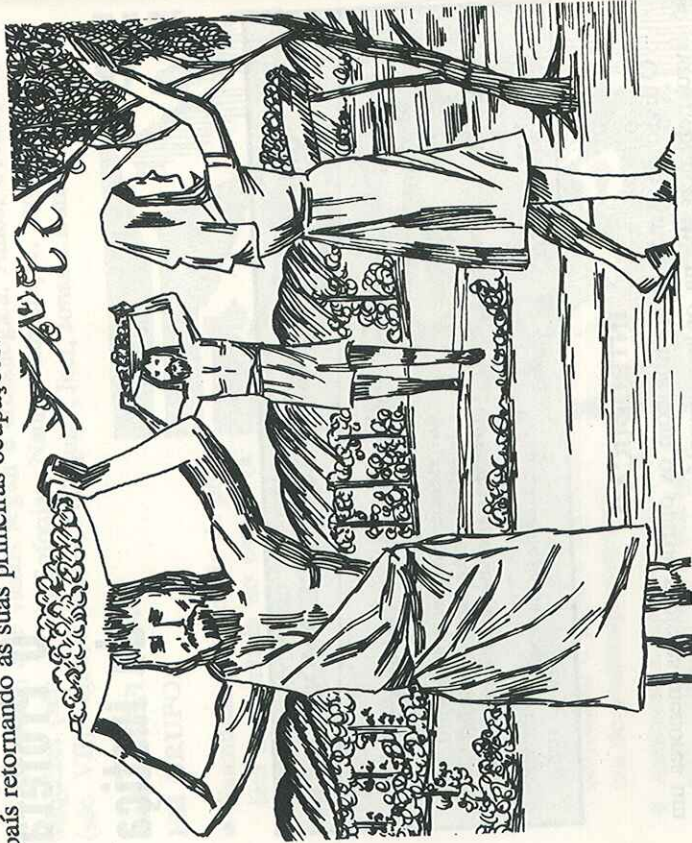
INTRODUÇÃO

O livro de Amós compunha com os outros profetas menores um só livro hebraico. É, na ordem cronológica, o primeiro profeta cuja atuação e mensagem temos compilados em um livro.

QUEM É AMÓS?

O nome de Amós significa "Javé carrega, leva". Segundo 1.1, o profeta era natural de Tecoa – pequena vila do Reino de Judá a uns 16 km ao sul de Jerusalém, próxima ao deserto de Judá. Amós era pastor e cultivador de sicômoros (fruta semelhante ao figo e que necessita ser

talhada antes de sua maturação). Sua origem marca tanto o seu estilo bem como as imagens que usa. Apesar disso, Amós conhece bem a política internacional e a situação de sua época e sente-se irresistivelmente vocacionado por Javé (3.3-8) para denunciar as injustiças reinantes no Reino de Israel; nomear os culpados e proclamar o juízo divino. Poucos detalhes sabemos de sua vida. Teve um curto ministério que teve como cenário o Reino de Israel, mais precisamente Betel (7.10ss) e talvez Samaria e Gilgal (3.9ss; 9.1s; 4.4). Depois do incidente que teve com Amazias, sacerdote de Betel, deve ter deixado o país retornando às suas primeiras ocupações.



OS TEMPOS DE AMÓS

Na introdução do livro se diz que Amós exerceu seu ministério na época de Jeroboão II (783-743 aC).

Depois da Grande Divisão (931 aC) o reino de Israel sofreu inúmeras dificuldades. Somente com o rei Onri (885-874aC), Israel experimentará certa estabilidade política, prestígio internacional e crescente progresso, inclusive com a definição da capital Samaria. Lutas internas

(disputa de poder) e fatores externos (fortalecimento do comércio em Damasco) enfraqueceram e colocaram o país novamente em crise. Em 805aC, a Assíria pôe fim ao domínio de Damasco e cria oportunidade para Israel desenvolver-se.

Na época de Amós o Reino do Norte (Israel) gozava uma nova era de progresso. Havia paz entre Israel, Judá e os povos circunvizinhos. As grandes potências – Assíria e Egito – enfrentavam um enfraquecimento momentâneo. O país se impunha no exterior como uma nação moderna e respeitada. Comparava-se até mesmo Jeroboão ao rei Salomão, as riquezas e a pomposidade de sua corte.

E o povo? – perguntava-se. Se a nação prosperava, o povo cada vez mais se empobrecia, ou seja, o progresso estava baseado no “egoísmo coletivo de certos grupos” que aumentava a distância entre ricos e pobres. Essa injustiça institucionalizada transparecia nos subornos dos tribunais, na opressão dos pobres, no comércio fraudulento, na prostituição sagrada (2.6-8; 3.9-11; 4.1ss; 5.7-13; 6.1-7; 8.4-10). E o que é pior: toda essa situação é acobertada pela religião. Havia grandes proclamações e os atos cúlticos eram intensos. Esperava-se o “Dia do Senhor”, no qual Israel seria materialmente colocada como a nação mais poderosa do mundo.

A MENSAGEM DE AMÓS

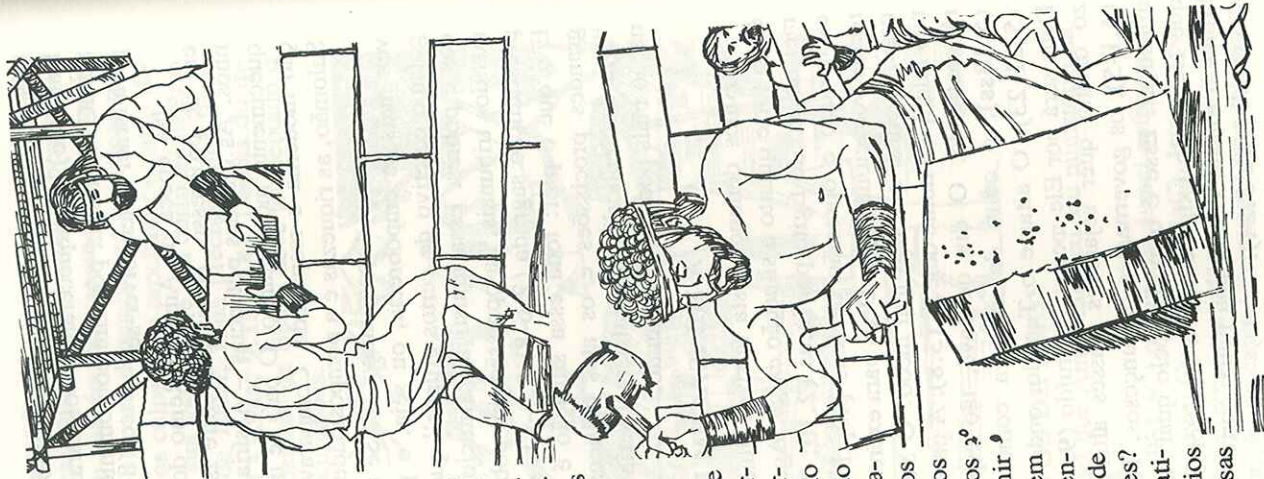
Amós denuncia esta terrível situação de injustiça. O seu brado é tão forte quanto a situação exige. Agonia-lhe o fato de que, sendo Israel liberto do Egito por Deus (2.10; 3.1), reine agora no seu meio a escravidão e opressão de seus próprios irmãos! Sente-se irresistivelmente vocacionado por Deus para exercer sua missão profética: “o leão ruga, quem é que não tem medo? O Senhor Javé manda, quem é que não falará em nome dele?” (3.8). A palavra de Javé é dura. O povo será castigado. O dia de Javé, tão esperado, será trevas e não luz (5.18ss); o culto da maneira como é feito não agrada a Deus (5.21-23). O altar e o Templo, onde o povo imaginava encontrar a Deus será por Ele mesmo destruído (9.1-4). Ninguém escapará ao Juízo divino quer sejam as classes altas, as madames da sociedade (4.1-5), os governantes presunçosos. Todos são réus pois cometeram injustiças. Esse é o motivo pelo qual Amós proclama veementemente que Deus não exige cultos e sacrifícios e sim a Justiça. “Quero ver brotar o direito como uma mina, correr a Justiça como uma bica que não seca” (Am 5.24).

PARA REFLEXÃO

EM GRUPO:

- Vocês puderam conhecer esse primeiro profeta, Amós. Algumas características se destacam na sua vida para cumprir a sua missão profética: o ouvir o chamado de Deus; o ouvir "olhos para ver e ouvidos para ouvir"; e a força impulsadora de Deus. Com isso, ele sai de sua terra (Judá) e vai ao Reino vizinho (Israel) denunciar os desvios do povo. Tentem aplicar essas características para um profeta nos dias de hoje.

- "Olhos de ver e ouvidos de ouvir". Todo o povo, governantes e, inclusive, os sacerdotes estavam iludidos pelo falso progresso apresentado por Israel. Com isso afastavam-se de Deus. Os cristãos hoje, têm desenvolvido os seus "olhos de ver e ouvidos de ouvir" a fim de discernir os tempos e as situações em que vivemos e, com isso, encontrar a vontade e a voz de Deus para essas situações? Caso a conclusão seja negativa, quais seriam alguns meios para desenvolvermos essas práticas?



Oséias

O Profeta

do Amor

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE OSÉIAS:

1.1-2.3	A infidelidade do povo
2.4-23	A fidelidade de Deus
3.1-4.19	A longanimidade de Deus face à corrupção do povo
5.1-6.11	Chamada à integridade
7.1-8.14	Castigo por causa da iniquidade
9.1-11.12	Ingratidão do povo - em contraste com o amor de Deus
12.1-14.9	Promessas de perdão

QUEM FOI OSÉIAS?

Oséias, que significa "Javé Salva", era filho de Beeri - que é desconhecido para nós. Era originário do Reino do norte, onde desenvolveu sua atividade profética.

Pelo conhecimento que ele apresenta das intrigas da corte, supõe-se que ele pertencia a classe alta, talvez até mesmo aos círculos sacerdotais.



De sua profissão, nada sabemos (além das suposições acima). Apresenta uma índole forte e conflituosa, principalmente na parte amorosa, que reflete o seu drama no casamento (se os capítulos 1 a 3 que falam do seu casamento não forem simbólicos), e esse drama ilumina o seu discurso profético.

O profeta se casa com uma prostituta – descrita nos capítulos 1 a 3 – onde a palavra que é usada para prostituta na língua original não indica a mulher que vende o corpo para viver, mas sim a que participa do “culto da eira” – culto cananita da fertilidade oferecido a Baal, onde ocorria a chamada “prostituição sagrada”.

Ele desposou-a, e procurou torná-la uma esposa fiel, mas ela o abandona. Ele continua a amá-la e retoma posteriormente (a mulher de 3.1 deve ser a mesma de 1.2).

OS TEMPOS DE OSÉIAS

O profeta começa seu ministério enquanto a dinastia de Jeú ainda está no poder (1.4) e não aparece referências à queda de Samaria (722aC) e à guerra Siro-Eframita (735-734aC). Portanto podemos localizar o profeta entre 752 e 735aC.

O profeta é, portanto, contemporâneo de Amós e vive os mesmos tempos difíceis (veja o estudo anterior: Os Tempos de Amós). Podemos resumir dizendo que foi uma época de perturbações políticas e degeneração religiosa e moral.

A MENSAGEM DE OSÉIAS

A partir de sua experiência matrimonial, Oséias vê a Israel como uma esposa infiel a Javé. Essa esposa sofrerá uma punição, ou uma prova, mas pelo fato de Javé continuar a amá-la, isso possibilitará um novo começo (2.4-25). Esta é a primeira vez que o relacionamento de Javé com Israel será comparado a um matrimônio.

O profeta critica as classes governantes de Israel, os reis “escolinidos contra a vontade de Javé” e os sacerdotes que conduzem o povo à perdição (5.1ss). O povo desviado de Javé se entregou a “prostituição” no culto cananita da fertilidade, ao que reage o profeta (4.12; 8.4-6; 13.2...). Israel é vista como uma esposa infiel que não “reconheceu que era Eu (Javé) quem lhe dava o trigo, o mosto e o óleo, quem lhe multiplicava a prata e o ouro que usava para Baal” (2.10).

Como Amós, Oséias critica também as injustiças e a violência, porém, o centro de sua mensagem é mesmo a crítica à infidelidade religiosa.

PARA REFLEXÃO

EM GRUPO:

- Como vocês analisam a relação da vida do profeta com a sua mensagem? Vocês acham que a vida apresenta sinais da vontade de Deus? Ou seja, a vida ajuda a compreender a vontade de Deus e vice-versa?



- Quais são os ídolos de hoje que querem levar o povo a se afastar de Deus, sendo infiel a ele?
- Como reagir profeticamente hoje frente esses ídolos?

Isaías

O Profeta da Fé e da Santidade de Deus

1ª Parte

UMA ESTRUTURA DA PRIMEIRA PARTE DO LIVRO DE ISAÍAS (1-39)

- | | |
|---|--|
| 1. Oráculos anteriores a Guerra Siro-Eframita
1.1-2.22 | Nação pecaminosa hoje, que terá um futuro espiritual glorioso
Julgamento, sim; porém um Renovo do Senhor
Ais contra os perversos |
| 3.1-4.6 | |
| 5.1-30 | |
| 2. O Livro de Emanuel
6.1-8.22
9.1-12.6 | O chamamento de Isaías e várias profecias
O reinado do Príncipe da Paz |
| 3. Oráculos sobre povos estrangeiros
13.1-16.14
17.1-23.17 | Diversas profecias sobre os povos vizinhos
Diversas profecias sobre os povos vizinhos |
| 4. Apocalipse
24.1-25.12
26.1-27.13 | A ruína dos transgressores
Deus ama e salva seu povo |
| 5. Poemas a respeito de Israel e Judá
29.1-29.24
30.1-32.20
33.1-35.10 | A redenção de Israel
O reinado do justo Rei
Aflição e livramento |
| 6. Apêndices
36.1-37.38
38.1-39.8 | Palavras de conforto do profeta
"Boa é a palavra do Senhor" |

INTRODUÇÃO

Alguém afirmou, com toda a razão, que o livro de Isaías constitui uma verdadeira biblioteca profética. De fato, pode-se distinguir no livro de Isaías partes que, em hipótese alguma, se referem à época e atuação do profeta do século VIII aC. Além disso, há diferenças no estilo e nas ênfases de cada uma das partes. Por exemplo: na primeira parte do livro prevalecem profecias de ameaça com alusões históricas precisas aos reinados de Acáz e Ezequias (1-39), enquanto na segunda (40-45), o tom é mais consolador com referências ao exílio babilônico. Os estudiosos assim dividem o livro de Isaías:

I – Capítulos 1-39: Atribuídos ao profeta Isaías que viveu na segunda metade do século VIII aC (cf. 1.1). Deve-se observar, contudo, que alguns capítulos não provêm do próprio Isaías – 36-39; foram extraídos de II Reis 18.13-20.19; os apocalipses 24-27 são de origem pós exílica tardia; 12, 33-35 são pós exílico. O mesmo se deve dizer de alguns oráculos contra as nações estrangeiras que compreendem os capítulos 13-23. Trata-se de discípulos de Isaías que atualizaram a mensagem de seu mestre dentro de novas circunstâncias históricas.

II – Capítulos 40-55: O chamado Deutero-Isaías ou "Livro da Consolação". Foram escritos por um profeta anônimo que viveu no período final do exílio babilônico.

III – Capítulos 56-66: Atribuídos a diversos autores que viveram em diferentes épocas após o Exílio.

Apesar de toda essa diversidade de origem e conceitos deve-se perceber no livro de Isaías uma certa unidade. É como nos afirma certo estudo da Bíblia: "ainda que se admitam autores de épocas diferentes, deve-se constatar que esses foram discípulos espirituais do grande Isaías, de quem conservaram a herança, aplicando o pensamento dele nas diversas circunstâncias históricas e esforçando-se por imitar-lhe a inspiração poética" (Ballarini, **Introdução à Bíblia, II/3, Ed. Vozes, pg. 83**). Uma vez esclarecido estes pontos, estudaremos a seguir a atuação do profeta Isaías (séc. VIII aC) de acordo com a sequência cronológica que temos acompanhado. Os demais capítulos de Isaías serão estudados oportunamente.

QUEM FOI ISAÍAS?

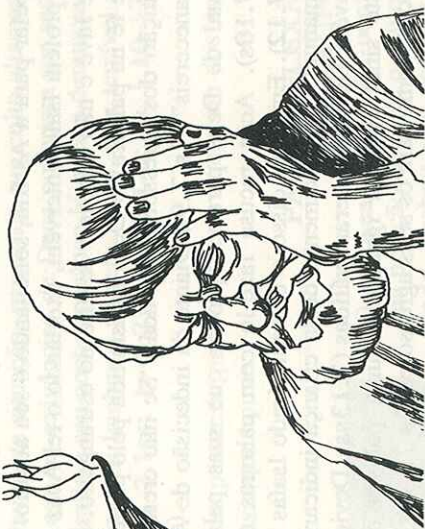
[illegible]

OS TEMPOS DE ISAÍAS (A)

O profeta viveu um dos períodos mais críticos da história de Judá. Se até aqui, apesar das dificuldades internas e externas nada ameaçara a destruição do país, agora este perigo parecia iminente tal o poderio cada vez maior da Assíria. A destruição de Samaria em 721 mostrou que se tratava de um perigo real e não simplesmente imaginário.

Conhecemos bem este período a partir das informações de **II Reis 15ss; II Crônicas 26ss**, do próprio livro de Isaías e de fontes extra-bíblicas, especialmente assírias. Resumidamente é esta a situação enfrentada pelo profeta:

– **Prosperidade de Judá:** Data-se a vocação de Isaías no ano da morte do rei Uzias (Azarias), ou seja, aproximadamente 740aC



— **Ameaça Assíria:** Não obstante todo esse progresso, nuvens negras se instalavam nos horizontes ameaçando a estabilidade do Reino de Judá. Cinco anos após a morte de Uzias subiu ao trono da Assíria Tiglat-Pileser (745-727) o qual tencionava estender ao máximo o seu poderio. Campanhas militares são realizadas e muitos países da Ásia Menor e da Síria-Palestina são dominados. Enquanto os reais subjugados comprometiam-se a pagar tributos anuais ao “Grande Rei”, aqueles que se atreviam a desafiar-lo eram destronados e substituídos por outros que fielmente pagavam as taxas impostas. Assim se estabeleceu o Império Assírio que duraria pouco mais que cem anos!

– **O Reinado de Acáz:** As consequências trágicas destes acontecimentos mundiais desabaram sobre Judá nos tempos de Acáz, filho e sucessor de Jotão. Acontece que, cansados de pagar tributos à Assíria, vários reinos se unem para fazer frente ao Império Assírio. Encabeçando esta liga antiassíria encontram-se Rázim, rei da Síria (Damasco) e Pecá (Faké), rei de Israel (Samaria), os quais procuravam convencer

Acaz, rei de Judá (Jerusalém) a juntar-se a eles. Não tendo interesse nisto e preferindo adotar uma política independente, Acaz recusa a proposta. Diante disso, Rezim e Pecá invadem Judá e cercam Jerusalém (IIRs 16.5) tencionando destronar Acaz e colocar no trono o filho de um tal Tabeel (Is 7.6). Nas lutas, Judá perde muito dos territórios conquistados durante os reinados de Uzias e Jotão. É a guerra sírio-efraimita (de Efraim = Israel) da qual temos notícias em IIRs 16.5ss; IICr 28.5ss; Is 7.1ss.

Pressionado desta maneira, Acaz não vê outra solução senão apelar para a Assíria, solicitando o seu auxílio. Neste momento crucial, o profeta Isaías intervém, exortando o rei Acaz a confiar nas promessas de Javé e não buscar o auxílio no estrangeiro. É uma exigência radical de fé na palavra de Deus transmitida pelo profeta que assegurou a destruição dos agressores de Judá: "Se não crederdes, certamente não permaneceréis" (Is 7.9). Diante da indecisão de Acaz, Isaías obedece um sinal de Deus para comprovar que suas palavras eram verdadeiras (7.10s). Acaz recusa fazê-lo com palavras aparentemente piedosas (7.12). Em vista disso o bastante irado Isaías deu o "famoso sinal de Emanuel": o nascimento desta criança indicaria que as promessas de Javé a Davi ainda eram válidas (7.13ss). Devido a descrença de Acaz, este sinal conteria igualmente uma palavra de Desgraça tanto para Acaz, como para os seus agressores (Is 7.17ss; 8.1-8).

Apesar da oposição do profeta Isaías, Acaz solicitou ajuda a Tiglat-Pileser o qual prontamente atendeu o pedido do rei de Judá atacando os seus agressores. Damasco é sitiada e destruída e seu rei Razim, é executado (732aC – cf IIRs 16.9). Israel tem várias de suas cidades assoladas (IIRs 15.29) salvando-se de um desastre maior por que Oséias, filho de Elá, assumiu o trono, assassinando Peca e submetendo-se à Assíria. Judá, do mesmo modo, não lucrara nada com isto: perdeu a sua autonomia política tornando-se um estado vassalo do Império Assírio e devendo, por isso, pagar tributos ao rei Tiglat-Pileser. Acaz é contado entre os reis que foram para Damasco pagar tributos e render homenagens ao soberano Assírio (IIRs 16.7ss; IICr 28.16ss).

As consequências da política de Acaz foram inteiramente negativas, sobretudo no domínio religioso, pois, segundo o costume do Oriente Antigo, o país dominado devia reconhecer os deuses da nação soberana ainda que a religião nativa permanecesse. Por isso, Acaz ofereceu sacrifícios aos deuses assírios e introduziu inovações no culto

(IIRs 16.10ss; IICr 28.22-25). A isto se segue uma crescente paganização das formas tradicionais da crença de Judá. Sabe-se até mesmo que Acaz, de acordo com a prática pagã, sacrificou seu próprio filho (IIRs 16.3), muito embora não nos seja possível precisar a época.

A decadência religiosa apressou a ruína moral e social. A distância entre os ricos e os pobres cada vez mais aumentava. Os juízes corruptos impediam que a justiça prevalecesse para os pobres. Os ricos abastados eram negligentes e insensíveis para com os pobres e necessitados. E o que é pior: a religião oficial comprometida com os poderosos e os nobres camuflava esta situação, mantendo um culto altamente rebuscado e pregando que as exigências de Deus poderiam ser satisfeitas com sacrifícios. Isaías e seu contemporâneo Miquéias denunciavam, com uma severidade que nos lembra o profeta Amós, esta terrível situação (Is 3.13ss; Mq 2.1ss; Is 5.23; Mq 3.1-4; Is 1.10-17 e muitos outros exemplos).

Os tempos de Acaz passaram para a história como um dos mais decadentes, tal a apostasia que houve.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- O rei Acaz, para não perder sua posição de rei e o seu reinado, acabou por entregar a autonomia política e religiosa de seus pais. Será que hoje não aparecem aos cristãos, soluções que se apresentam salvadoras, mas que no fundo acabam por tomar a nossa liberdade política e influenciam em nossa fé?

- Isaías, vendo as alianças que o rei pretendia fazer, aconselha, critica e denuncia as consequências dela. E os cristãos hoje, estão atentos nas alianças que são travadas? Como se comportam diante delas?



Isaías O Profeta da Fé e da Santidade de Deus

2ª Parte OS TEMPOS DE ISAÍAS (b)

de Ezequias: – Isaías, que depois da recusa de conselho se afastar da vida política, volta a atuar no reino de Ezequias.

– **O Reino de Ezequias:** – O Reino de Ezequias é caracterizado por uma política externa de paz e de alianças. Consta que ele pagou o difícil mas foi mais ou menos passiva à Assíria. Consta que ele pagou o difícil mas foi mais ou menos passiva à Assíria. Consta que ele pagou o difícil mas foi mais ou menos passiva à Assíria.

No período mais tarde, sucessores de Tiglat-Pileser, respectivamente, crescia entre o povo um descontentamento, crescia entre o povo um descontentamento, crescia entre o povo um descontentamento.

Nesse tempo, mais forte gerado pelo zelo javista que se opunha a qualquer paganização do culto e aos abusos sociais existentes no reino, o povo não admitia o domínio assírio. O próprio rei, contudo, entre estes descontentes, razão pela qual terminantemente reformou a reforma social e religiosa (cf II Rs 18.3-6; e pelo nacionalismo que as medidas reformistas não foram todas tomadas, certamente provocaria, uma repressão da Assíria. Ao mesmo tempo, Ezequias agiu cautelosamente incentivando cada vez mais a reforma, uma repressão da Assíria. Ao mesmo tempo, Ezequias agiu cautelosamente incentivando cada vez mais a reforma, uma repressão da Assíria.

Esta não foi uma época sem lutas ou guerras e o reino de Judá teve, por algumas vezes, a sua própria existência ameaçada. A esta altura, por algumas vezes, a sua própria existência ameaçada. A esta altura, por algumas vezes, a sua própria existência ameaçada.

o reino vizinho e irmão, Israel, já tinha sido devastado pelo poderio assírio (721 aC). Apesar destas demonstrações de força militar, houve muitas revoltas contra o império assírio.

A primeira ocorreu por volta de 714 aC quando o Egito, julgando que a situação era favorável, insuflou uma rebelião contra a Assíria. Apoiados assim pelo auxílio egípcio, muitos aderiram à revolta. O centro de toda essa movimentação era Asdode, importante cidade marítima da Filistéia. Não demorou muito e o Reino de Judá foi convidado para integrar o grupo anti-assírio. Ezequias chegou mesmo a receber embaixadores da Antioquia (Egito 18.1-2) e provavelmente dos filisteus (14.28-32) os quais solicitaram sua cooperação. Instalou-se a dúvida: Judá deveria ou não aceitar a proposta? Isaías, que nos tempos de Acáz se opusera à busca do auxílio assírio, rejeita coerentemente apelar para o Egito. Para Isaías, Deus havia escolhido Sião (Jerusalém) e nada mais se necessitava em sua defesa (14.32). Sendo assim, convida os diplomatas estrangeiros a voltarem as suas pátrias pois Javé cumpriria os seus desígnios sem contar com qualquer intervenção. Por ora, deveria-se esperar calma e confiantemente o cumprimento das promessas divinas (leia o Capítulo 18). Para confirmar a sua mensagem e desencorajar a amizade com o Egito, Isaías se vestirá como um prisioneiro de



guerra indicando simbolicamente o insucesso deste novo levante contra a Assíria (cap. 20). Parece que desta vez Isaías foi ouvido e Judá não participou da revolta ou o fez com reservas de modo que quando os exércitos assírios puniram os rebeldes (711 aC), inclusive destruindo Asdode e anexando a Filistéia a seus territórios, Judá escapou ileso. A prometida ajuda do Egito falhou na "hora H"!

A vitória de Isaías, porém, foi momentânea, pois por ocasião da morte de Sargão II da Assíria, em 705, houve uma revolta geral e Judá aliou-se aos revoltosos. Tudo indicava que, desta vez, a rebelião teria sucesso. O Egito e a Babilônia, tradicionais inimigos da Assíria, fortaleceram a revolução. A Assíria seria abatida nas suas duas extremidades. Provavelmente é nesta época que Merodaque-Baladã, rei da Babilônia, envia uma embaixada ao Reino de Judá (cap. 39; II Rs 20.12-19). Enquanto isto, na Palestina e na Síria crescia o número dos revoltosos. A esta altura, Ezequias já estava entre os líderes deste movimento.

Novamente aparece a figura do profeta. Desta vez lançando duras críticas aos governantes, prevendo a destruição total e insistindo na neutralidade (cf 28.14-22; 30.1-7; 12.14; 31.1-3). O que Isaías mais condenava era o acordo selado em nome dos deuses egípcios (28.15, 18), o que evidenciava a "pecaminosa falta de fé" nas promessas de Javé (cf 28.12, 16; 30.15). Apesar das exortações de Isaías, os políticos nacionais – na verdade uma corja de pagãos e imorais (28.7ss; 29.15s – zombaram do profeta e rejeitaram a sua mensagem (cf 30.8ss).

As consequências são de fato, desastrosas. Senaqueribe, rei da Assíria, pune cruelmente os revoltosos. Nenhum exército ou cidade rebelde escapa ao seu furor. Muitas cidades de Judá são assoladas e grande parte da população é deportada. Cerca-se Jerusalém impedindo qualquer comunicação exterior. Senaqueribe alude ao fato dizendo que prendeu Ezequias "como um passarinho na gaiola". A situação é realmente desesperadora (Is 1.4-9) e Ezequias não tem outra solução, senão render-se (II Rs 18.13-16; cf Is 1.). Passando o pesadelo, Isaías reconhece que a nação é mesmo incorrigível (22.1-14).

Depois deste triste episódio, não sabemos ao certo o que ocorreu. Os estudiosos da Bíblia discutem se a libertação "milagrosa" se deu logo após a campanha de 701 aC sendo uma extensão desta ou se refer-se a uma outra campanha militar contra Judá, ocorrida cerca de

688aC (Is 37.36ss). Pesando os argumentos, a segunda hipótese parece mais provável. Eis a reconstrução dos fatos: a Assíria descuida por momentos da Palestina combatendo o rival perigoso que é a Babilônia. No Egito, Tiraca (37.9) assume o poder (690/89 aC) e dá esperança de auxílio se a situação exigir. As condições são favoráveis e Judá não vacila rebelando-se mais uma vez contra o Grande Império. A reação da Assíria é automática; uma vez eliminada a ameaça da Babilônia, parte para punir os revoltosos da Palestina. Sabendo que o rei egípcio vinha ao seu encontro (37.9) e desejoso de resolver a situação de Judá antes de se defrontar com ele, Senaqueribe, enviou seu comandante-chefe exigindo a rendição de Jerusalém. Ezequias sabia que se o fizesse seria a derrota final e, por isso, resiste heroicamente. Isaías é um dos poucos que toma o partido do rei exortando-o a manter-se firme. A Assíria, outrora instrumento do Juízo divino, havia ultrapassado os limites estabelecidos por Deus (10.5-15) e seria humilhada no solo da Palestina (14.24-27; 31.4.9). Ezequias não voltou atrás e Jerusalém não foi tomada. Senaqueribe é forçado a retornar: seu exército foi dizimado por uma epidemia (Is 37.36: "um anjo do Senhor") e notícias chegam de sua terra exigindo a sua presença (37.7). Este fato contribuiu para que a crença na "indestrutibilidade de Sião" se torne um dogma nacional fixo. Depois disto, Isaías desaparece de cena. Que Senaqueribe não tenha retornado para se vangloriar explica-se pelo fato de que no ano seguinte, Ezequias falece e seu filho e sucessor Manassés desiste da rebelião, submetendo-se ao rei Assírio.

A MENSAGEM DE ISAÍAS

Como já descrevemos, a atuação do profeta no seu conturbado tempo e já delineamos, em parte, a sua mensagem, vamos nos limitar a citar alguns aspectos da mesma. Isaías, como seus antecessores Amós e Oseías condena a idolatria e a hipocrisia religiosa, o ritualismo vazio e a injustiça social em todas as suas formas e propõe como "remédio" para esta situação "o direito e a justiça" (cf 1.10-17; 5.1-7; 5.8-24; 10.1-4). Percebe-se igualmente em Isaías uma noção excelsa de Deus. Ele é o Santo (Título que mais aparece em Is), o Todo-Outro, o inacessível, aquele diante do qual o homem teme e treme. Na sua presença, todos devem prontamente prostrar-se para adorá-lo. Deste modo, o orgulho, a auto-suficiência humana é condenada como grave pecado. Deus exige uma atitude humilde, fé e confiança inabalável em suas promessas (cf. discussões com Acas e Ezequias 7.9; 26.16,

30.15). Uma nota de esperança paira igualmente em todo o livro; apesar do sofrimento, Deus irá salvar o seu povo, cumprindo assim, as promessas feitas a Davi. Essa salvação é, sobretudo, obra de um rei ideal – o Messias – filho de Davi (7.10ss; 9.1ss; 11.1ss).

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- Meditem sobre a noção que Isaías tinha de Deus, os seus conceitos, e como isso influenciou e dirigiu sua prática nos reinados de Acaz e Ezequias.
- Qual o conceito (a definição) que vocês têm de Deus?
- Essa idéia tem influenciado, dirigido e impulsionado a prática de vocês?
- O que poderia mudar na sua igreja, na sua cidade e em todo o mundo se as pessoas agissem de acordo com a definição de Deus que vocês encontraram?



Miquéias A Síntese do Profetismo no Século VIII aC

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE MIQUÉIAS:

1 – O processo de Israel 1.1-16 2.1-13 3.1-12	Ameaças contra Judá e Israel Ai dos opressores gananciosos Ameaças contra sacerdotes, falsos profetas e chefes
2 – Promessas a Sião 4.1-13 5.1-15	O anúncio do chamamento dos gentios O nascimento do Messias e o seu Reinado
3 – Novo processo de Israel 6.1-7.7	Deus e seu povo em Juízo
4 – Esperanças 7.8-20	Mesmo em juízo há esperança

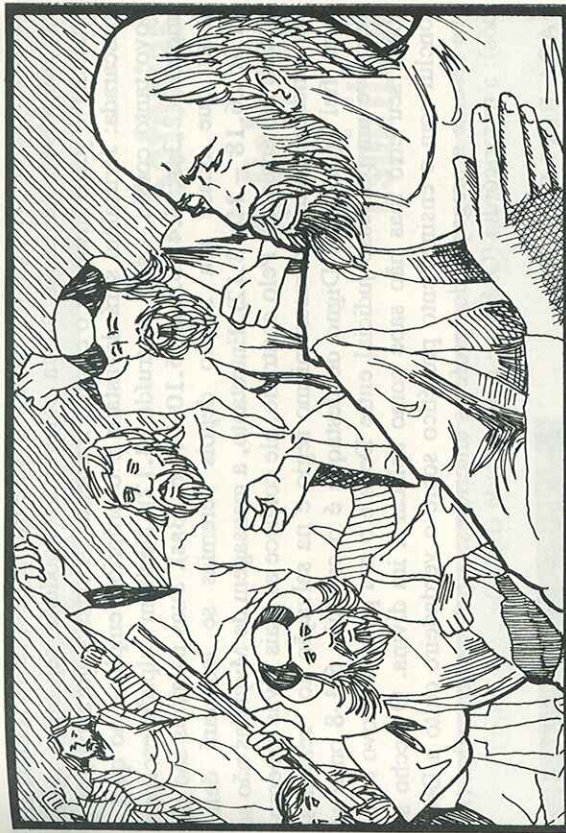
QUEM FOI MIQUÉIAS?

O nome de Miquéias ilustra bem a sua mensagem e, ao mesmo tempo, lança um verdadeiro desafio: MI – KA – YAH significa “Quem (é) como Javé”? Conhecemos um outro profeta chamado Miquéias (em algumas versões Micafas), filho de Inlé, que viveu sob o reinado de Acabe (I Rs 22.5-28). O “nosso” profeta exerceu seu ministério du-

rante os reinados de Jotão, Acáz e Ezequias (1.1; cf. Jr 26.18) sendo, portanto, contemporâneo do profeta Isaías. Suas origens, porém, são mais modestas do que as deste grande profeta. Provinha ele de uma pequena cidade de Judá chamada Moresete-Gate (1.1; 1.14), próxima a fronteira filistina e distando 35 km de Jerusalém. Ao que tudo indica, Miquéias, como Amós, vivia na zona rural. Sua origem simples transparece na simpatia que demonstra aos pobres, no seu estilo vigoroso, nas imagens e figuras empregadas e na linguagem dura e rude que condena as grandes cidades, onde, no seu modo de ver, concentrava a desgraça da nação (1.5-ss; 3.10ss). Pouco sabemos acerca de sua vida pessoal. Podemos deduzir de 2.11 e 3.5-8 que Miquéias não pertenceu ao grupo de profeta organizados. Embora não possamos precisar a data e o modo de seu chamado ao ministério profético, Miquéias revela uma “aguda consciência” de sua vocação (3.8) qual seja, denunciar o pecado de seu povo.

OS TEMPOS DE MIQUÉIAS

Miquéias viveu na mesma época que o grande profeta Isaías. Sendo assim, assistiu bem de perto à guerra siro-israelita a queda de Samaria em 721 aC (cf. 1.6) e as constantes campanhas militares do exército assírio na Palestina (para confirmar isto, leia, novamente **Os Tempos de Isaías (a) e (b)**, nos estudos anteriores). Se estes foram tempos difíceis para todos, eles os foram principalmente para a classe menos favorecida. E como se diz: “nos momentos críticos da vida nacional a corda arrebenta sempre no ponto mais fraco”. Miquéias, porém, não é conhecido com tal situação e se põe, a falar em nome daqueles que não têm “nem vez, nem voz”. Impressiona-lhe muito mais a injustiça e a falsidade do que as elevadas questões de política exterior. Com uma severidade que nos lembra Amós, Miquéias denuncia esta situação. Condena-se os sortilégios e a idolatria (1.7; 5.10-14) e aqueles que se apoderavam pela força dos campos e casas alheios (2.1-2) e os ricos ambiciosos que usavam balanças e pesos falsos (6.11) e praticavam a violência (6.12) ajuntando assim, “tesouros de iniquidade” (6.9), anuncia-se o irrevogável juízo divino. Ninguém escapa ao julgamento de Deus: “os seus líderes dão sentenças por suborno, os sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro” (3.11). A revolta de Miquéias é grande e ele não teme qualificar os canibais e antropófagos os líderes da nação (3.1-3). Afinal, ele não pode se conformar com tamanha corrupção; juízes que modificam suas decisões de acordo com os presentes e recompensas que recebem (3.11; 7.3), profetas que



anunciam coisas boas quando se lhes mete um “bom bocado” na boca ou dinheiro nos bolsos (3.5-7; 11; 2.11); uma onda de violência em toda a parte (2.8-9; 7.2) que nada mais é senão fruto da opressão dos gananciosos; na própria família prevalece a dissensão (7.6). E ainda tem mais: apesar desta corrupção, acreditava-se que a presença do Templo de Jerusalém era uma garantia da proteção de Deus: “não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá” (3.11b). É nesta situação caótica que Miquéias levantará a sua voz.

O LIVRO DE MIQUÉIAS

A disposição dos capítulos no livro de Miquéias é bastante clara: 1-3 – denúncias e ameaças (em forma de processo); 4-5 – Promessas a Sião; 6.1-7.7 – denúncias e ameaças (novo processo); 7.8.20 – esperanças. Este arranjo é certamente, obra dos editores do livro. Os capítulos 2.12-13 e 7.8-28 não provêm do profeta e parecem se referir aos tempos da volta do exílio. 4.1-5, que é quase que literalmente repetido em Is 2.2ss, parece provir de uma terceira fonte.

A MENSAGEM DE MIQUÉIAS

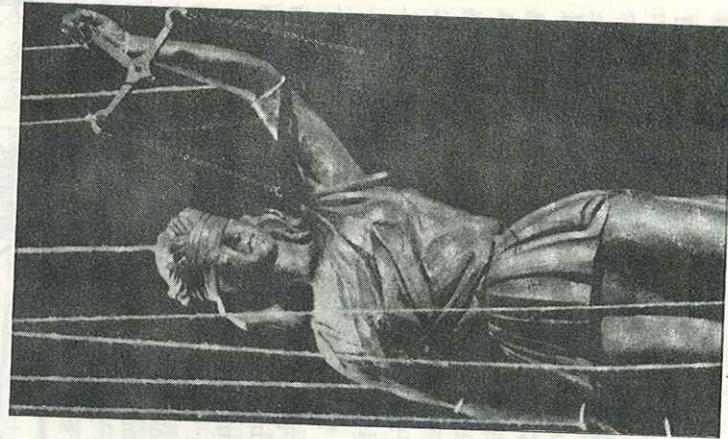
Miquéias tem uma profunda consciência de sua vocação profética. Fortalecido pelo “Espírito do Senhor” e com uma coragem que nos assombra, denuncia cruamente os pecados do povo (3.8) que só quer ou-

vir palavras de salvação (2.6-11). Diante dos males, tanto sociais como religiosos, da nação a sua palavra não poderia ser outra senão anunciar o juízo divino e o castigo iminente. A falsa segurança é desmascarada: Jerusalém será devastada e o próprio Templo – no qual o povo tanto confia – será destruído (3.12). Nenhum culpado escapará impune (2.3ss; 3.4; 3.6ss; 5.10-14; 6.13ss). Suas palavras são tão duras que quase um século depois Jeremias se lembrará delas (cf Jr 26.18 – Mq 3.12). Entretanto, a mensagem de Miquéias não se resume em ameaças. Pelo contrário, ele conhece as mais vivas esperanças fundamentadas no messianismo régio e na salvação do “remanescente fiel” (5.2-5a). Digno de destaque é o capítulo 6.1-8 onde se descreve um processo judicial entre Deus e o seu povo. O povo reconhece seu erro mas não sabe como aplacar a ira divina. O trecho se conclui com o ensinamento profético sobre o verdadeiro culto a Deus que resume a pregação dos profetas anteriores: a prática da justiça (Amós); a misericórdia (Oséias) e a humildade (Isaías).

PARA REFLEXÃO

EM GRUPO:

- Para um povo que só queria ouvir “palavras de salvação” Miquéias responde apontando os pecados do povo. Vocês têm visto grupos ou pessoas que só querem ouvir “coisas boas” sem olhar a sua vida, sua prática? Vocês têm encontrado “Miquéias” denunciando?
- O “amuleto” do povo era o Templo. Miquéias anuncia a destruição desta “tábua de salvação”, mas anuncia a verdadeira salvação para o “resto fiel”. Como vocês contextualizariam esta mensagem?
- O que é para vocês pertencer a um “resto fiel”?



Sofonias

A Pobreza

Espiritual

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE SOFONIAS:

1 – O dia de Javé em Judá 1.1-11 1.12-2.3	Ameaças contra Judá e Jerusalém “Atenção: O Dia do Senhor é amargo”
2 – Oráculos contra as nações 2.4-7 2.8-15	Ameaças contra os filisteus no Litoral Ameaças contra várias nações
3 – Oráculos contra Jerusalém 3.1-5 3.6-8	Ameaças contra Jerusalém A disciplina não foi aceita
4 – Promessas 3.9-20	A promessa da salvação

INTRODUÇÃO

Já faz muito tempo que Isaías exerceu seu ministério profético em Jerusalém. Precisamente uns 50 a 60 anos: estes foram tempos de silêncio. Acontece que o tirânico e impiedoso Manassés, filho e sucessor de Ezequias no trono de Judá (cf II Rs 21.1-8) reprimia violentamente todos quantos se opunham à sua política. A situação agora é outra e nós vimos surgir, antes do desastre final que foi o exílio babilônico (598/587), quatro eminentes profetas: Sofonias, Naum, Habacuque e Jeremias.

QUEM FOI SOFONIAS?

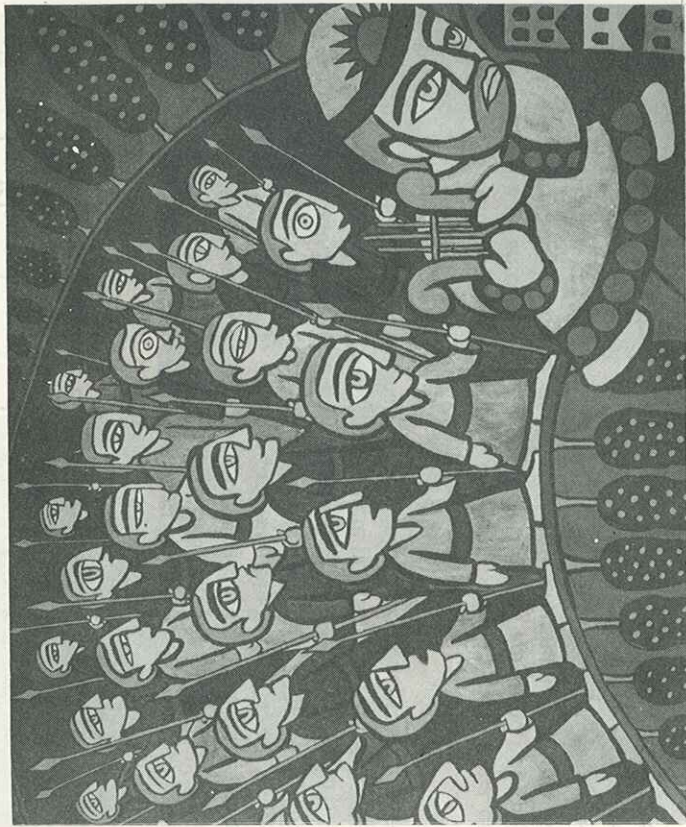
O significado de seu nome é “aquele a quem Javé esconde ou protege”. De concreto nada sabemos sobre a sua pessoa, exceto que desempenhou sua atividade profética em Jerusalém, onde talvez morasse, durante o reinado de Josias. No versículo 1.1 apresenta-se uma vasta genealogia que, ao invés de clarificar as origens do profeta, é objeto de discussão. Segundo alguns, seu tataravô Ezequias era o co-nhecido rei de Judá, sendo o profeta, neste caso, de linhagem nobre. Outros, entretanto, deduzem do nome de seu pai Cusi (etíope, “o negro”) que Sofonias pertencia a uma família de escravos estrangeiros que servia no Templo. Porém, nada disto é certo ou pode ser comprovado. Provavelmente, o objetivo da longa genealogia é ligar o século VII aC, quando se dá a atuação do profeta, com a época dos profetas anteriores (século VIII aC).

OS TEMPOS DE SOFONIAS

O reinado de Josias (640 aC – 609) constitui o cenário da atuação do profeta Sofonias (1.1). Sabemos que Josias empreendeu uma verdadeira reforma religiosa (II Rs 22.3 – 23.27) sobre a qual falaremos mais tarde quando estudarmos o profeta Jeremias. Por ora, basta afirmarmos que ela eliminou abusos contra os quais Sofonias levanta a sua voz de protesto – o que implica que a atuação deste profeta deva ser colocada no início do reinado de Josias, isto é, por volta de 640/630 aC, pouco antes de Jeremias iniciar a sua pregação.

Ao estudarmos o livro de Isaías, notamos o esforço de Ezequias no sentido de manter Judá fora do domínio assírio. Suas tentativas e vitórias parciais caem por terra quando Manassés, seu filho, o sucede no trono de Judá. Manassés submete-se como vassalo ao imperador assírio pagando-lhe regularmente os tributos anuais. Religiosamente, as consequências desta política são desastrosas e representam um verdadeiro retrocesso: os templos locais, que Ezequias fechara, foram reabertos, cultos e costumes pagãos foram incentivados; altares às divindades astrais assírias são erigidos; a prática da adivinhação e da magia, tão popular na Assíria é comum em Jerusalém; reaparece o bárbaro ritual do sacrifício humano (Leia II Rs 21.3-7; Sf 1.4-6; 1.8s). É interessante observar que estas práticas existiam paralelamente ao culto a Javé, pois o povo não entendia que isto representava um abandono da fé primitiva. Não fosse o protesto enérgico dos profetas, a religião do Antigo Testamento certamente teria se degenerado num autêntico poli-

teísmo. Como sempre acontece, a decadência religiosa gerou o despozo à Lei de Javé e trouxe uma nova onda de violência e injustiça prontamente condenada por Sofonias (1.9; 3.1-7). A tudo isto junta-se a posição daqueles cétricos que não criam na atuação de Deus nos acontecimentos históricos (Sf 1.12). Todos que desafiassem este estado de coisas eram tratados brutalmente pagando com a vida o preço de sua ousadia. (II Rs 21.16). Manassés, que governou durante 52 anos, será lembrado como o pior rei que assentou no trono de Davi (II Rs 21.10ss; 24.3ss; cf Jr 15.1-4). Seu filho Amon, que assumiu o poder tencionando seguir esta mesma política em 642 aC, é assassinado pelos próprios membros da corte dois anos depois (II Rs 21.19-26) e é substituído por seu filho Josias que nesta época contava com oito anos apenas. Certamente é durante a minoridade de Josias, quando ainda prevaleciam as práticas favorecidas por Manassés e Amon, que devemos situar a pregação de Sofonias. Por esta época, o enfraquecimento da Assíria e a conseqüente independência de Judá favorecia os desejos de reforma.



A MENSAGEM DE SOFONIAS

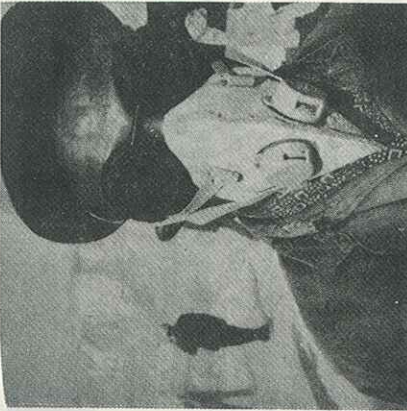
Podemos dividir o livro de Sofonias em quatro pequenas partes: a) 1.1-2.3: anúncio do "Dia de Javé" com ameaças para Judá e Jerusalém; b) 2.4-15; oráculos contra as nações; c) 3.1-8: contra Jerusalém, perdida em violências e incredulidade; d) 3.9-20: conclusão do livro em tom de promessas.

No centro da pregação profética de Sofonias está a **proximidade do Dia de Javé**, o "Dia da Ira do Senhor", quando Deus julgará os pecados de seu povo e países próximos (cf 1.7-2.3; 3.8). A descrição deste acontecimento, como em Amós (Am 4.8) é feita palavras fortes e contundentes: ele se assemelha a uma guerra e catástrofe cósmica.

O profeta não somente anuncia o julgamento divino mas enumera os pecados de seu povo: o culto sincretista (1.4s); a profanação do santuário efetuada pelos sacerdotes (3.4); a adesão da nobreza à moda e aos costumes importados (1.8); ao comércio desonesto (1.11); a violência dos líderes do povo e dos nobres (1.9; 3.3-5); a corrupção mundial (3.8). Na raiz de tudo está o orgulho (1.16; 2.10; 2.15; 3.11) que gera a incredulidade e a falta de confiança em Deus (1.12; 3.1s).

O caminho da salvação está na conversão – ou seja – na busca da justiça e da humildade, isto é, da pobreza diante de Deus (2.3; 3.12). A **pobreza espiritual** se caracteriza por uma atitude de humildade e confiança absoluta em Deus; de abandono à vontade divina; de disponibilidade e abertura ao projeto divino. Opõe-se radicalmente à soberba, ao orgulho daqueles que se julgam auto-suficientes. Por isso, o povo messiânico – o resto fiel – é marcado pela pobreza (3.12). Este não nutre sentimentos de orgulho e não comete injustiças nem profere mentiras (3.13).

A grandiosidade de Sofonias está no fato de que ele retoma os temas dos profetas anteriores, sobretudo Isaías, e os aprofunda de maneira inteiramente nova e de acordo com as novas circunstâncias históricas. O conceito da pobreza espiritual será constante na literatura posterior e alcançará sua expressão máxima em Mateus (Mt 5.1). Além disso, a influência de Sofonias é clara nos profetas posteriores (compare Ez 22.24-28 com Sf 3.1-4 e Joel 2.2 com Sf 1.15).



PARA REFLEXÃO

EM GRUPO:

- Sofonias, um profeta em um mundo marcado pelo orgulho, egoísmo, violência, idolatria, corrupção e aculturação dos costumes, levantou sua voz e denunciou os pecados do povo, chamando-o à fidelidade e ao abandono à vontade divina. Como vocês contextualizariam a mensagem do profeta para os dias de hoje?
- Leia as características da **pobreza espiritual** pregada pelo profeta. Na opinião do grupo esta pobreza é apenas uma atitude interior ou tem reflexo na prática deste "resto santo"?

Naum

0 Julgamento Divino

Sobre a Assíria

ou a Ruína de Nínive

Habacuque — “O Justo Viverá pela Fé”

ESTRUTURAS DOS LIVROS DE NAUM E HABACUQUE

- | | |
|---|--|
| 1 - Prelúdio
1.1-2.1 | A ira e a misericórdia de Deus |
| 2 - A Ruína de Nínive
2.2-13
3.1-19 | A ruína de Nínive
A desgraça completa do império poderoso |
| Habacuque
1 - Diálogo entre o profeta e o seu Deus
1.1-11
1.12-2.4 | A iniquidade de Judá
A intercessão do profeta |
| 2 - Maldições contra o opressor
2.5-20 | Cinco ais sobre os caldeus |
| 3 - Apelo à intervenção de Javé
3.1-19 | “Ainda... eu me alegro no Senhor” |

NAUM

QUEM FOI NAUM?

O nome do profeta Naum significa “consolidado” por Javé. Embora seja difícil determinar a localização exata de sua cidade natal (1.1), é certo que ela se situa no reino de Judá. Afora esta, nenhuma outra re-

ferência à vida pessoal do profeta nos é dada em todo o livro. Seu estilo e linguagem demonstram que Naum era culto, inteligente e ardente patriota.

OS TEMPOS DE NAUM

Os estudos anteriores nos deram uma idéia dos métodos empregados pelo Império Assírio para manter as pequenas nações sob o seu domínio: a imposição de tributos pesados; a repressão militar aos revoltosos; a destruição de muitas cidades e até mesmo países; a deportação de populações. Este “regime de terror”, que durou mais de cem anos, só contribuiu para gerar o ódio entre as nações subjugadas. Após um período de esplendor quando a Assíria sob o governo de Assurbanipal (668-627 aC), chegou ao apogeu, veio a ruína final. Os reis que lhe sucederam, fracos e degenerados, não resistiram ao ataque conjunto de babilônios e medos. Assur (614 aC) e depois Nínive (612 aC), a capital assíria, caem irresistivelmente diante de seus inimigos. Era o fim do Império Assírio. O livro de Naum, o escrito pouco antes deste acontecimento, já o celebra descrevendo com alegria visível, a destruição de Nínive.

A MENSAGEM DE NAUM

O versículo 1.1 resume o conteúdo de todo o livro: “sentença contra Nínive”. Após um salmo que contrapõe a ira de Deus contra o mal à sua bondade para aqueles que nele confiam (1.2-8), segue-se uma série de oráculos proféticos que descrevem o castigo sofrido pela Assíria em contraste com a salvação de Judá (1.9-2.2). Os versículos seguintes tratam da destruição de Nínive com um realismo e uma força de evocação impressionante. O saque da capital assíria é certo e de nada valem os preparativos para a defesa (2.3-13). O destino desta cidade sangüinária (3.1-19) será o mesmo que ela impôs a Tebas (= **NO-Amom** 3.8.11). Não haverá ninguém que não se alegrará com a notícia de sua ruína (3.19). Certamente palavras de Naum ferem, de certa maneira, nossa mentalidade cristã. Contudo é necessário observarmos que “atrás desse nacionalismo violento, onde nada expressa o universalismo do Deutero-Isaías (e muito menos do evangelho), está expresso o ideal da justiça e da fé: a ruína de Nínive é um julgamento de Deus que pune os inimigos do plano divino (1.11; 2.1); o opressor de Israel (1.12s) e de todos os povos (3.4s - citação livro do prof. Gerson Veiga. Apostila sobre os profetas, pg. 8).

HABACUQUE

QUEM FOI HABACUQUE?

O significado de seu nome é controverso: alguns o derivam de uma palavra árabe que quer dizer “anão” enquanto outros o compreendem a partir do nome de uma planta frutífera. Não existe, em todo o livro, informações biográficas diretas. Segundo o estudioso da Bíblia Ballarín, a pregação de Habacuque testemunha que ele “é um homem de grande fé, atormentado pelo problema do mal e da Justiça divina no governo do mundo”.

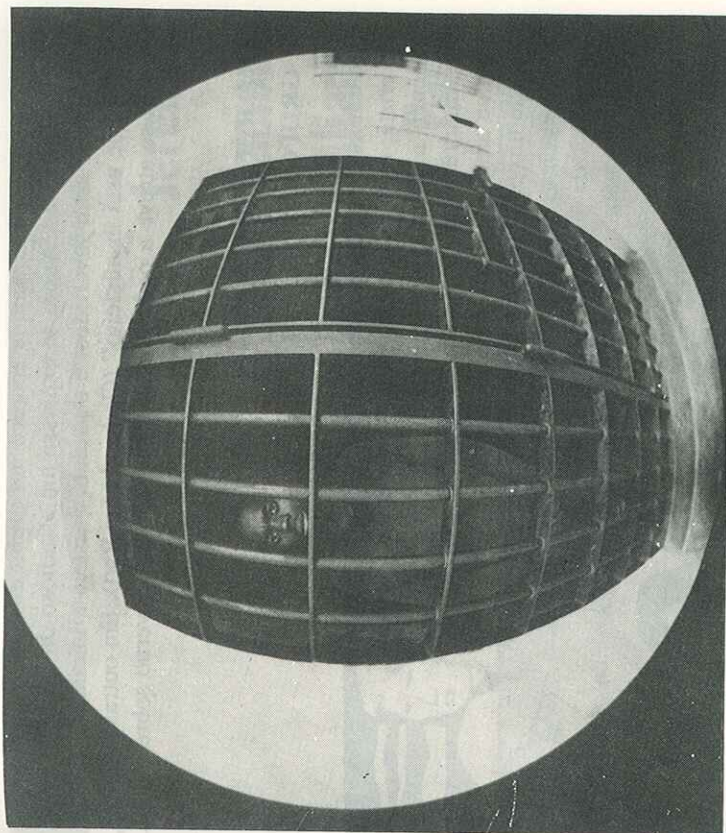
OS TEMPOS DE HABACUQUE

A alegria gerada pela destruição de Nínive (612 aC) é tão fortemente proclamada por Naum que cedeu lugar a uma nova sensação de terror. Acontece que os algozes da capital da Assíria, os babilônios (os caldeus mencionados em Hc 1.6), eram tão tirânicos e imperialistas quanto seus predecessores, os assírios (cf Hc 1.6ss). A batalha de Cárquemis (606 aC) quando Nabucodonosor, então general do exército da Babilônia, derrotou os egípcios, marca o início do domínio babilônico na Palestina (II Rs 24.7). Conclusão: o fim do império assírio não modificara nada: Judá só havia mudado de chefe! O profeta Habacuque assistiu de perto a estes acontecimentos. A sua pregação situa-se, portanto, entre os anos de 605-597 aC.

A MENSAGEM DE HABACUQUE

A redação deste livro é muito cuidadosa: os três capítulos de Habacuque constituem um todo lógico e coerente. Inicia-se com um diálogo entre o profeta e Deus onde se observa que as duas queixas do profeta correspondem duas respostas divinas (1.2-2.4). Segue uma série de 5 ais contra o inimigo opressor (2.5-20). Concluiu-se o livro com um salmo que descreve a intervenção de Deus para combater as nações, especialmente os ímpios (3.1-19). No fim permanece a certeza de que Deus salvará o seu povo sejam quais forem as circunstâncias exteriores (3.17ss).

Habacuque sabe que os caldeus foram instrumentos de Deus para punir a iniquidade (1.5-11). Aqui surge um problema: como Deus, que é santo e puro, pode se servir de um povo tão injusto e violento?



Por que prevalece a força dos injustos? Por que punir aquele que é mau por um que é pior? Coopera Deus com a injustiça? Como disse um estudioso da Bíblia, trata-se do “problema do mal posto no plano das nações (R. de Vaux). Leia Hc 1.12-17.

A conclusão do livro destaca a resposta de Deus a qual deve ser escrita pois pode tardar: “o soberbo será castigado mas o justo viverá pela fé” (2.1.4). O sentido é este: Deus, através de caminhos às vezes contraditórios e paradoxais que fogem à compreensão humana, conduz a história. Para viver é necessário aceitar incondicionalmente a palavra e promessa de Deus. A fé, a adesão total a Deus, a confiança absoluta, a entrega radical são condições necessárias para a participação na salvação prometida. O apóstolo Paulo, ao desenvolver a doutrina da justificação pela fé, lembrará as palavras do profeta Habacuque, muito embora as aprofunde relacionando-as com o acontecimento salvador de Deus em Cristo (cf Gl 3.11, Rm 1.17).

No livro de Habacuque aparece um **elemento novo** ausente nos profetas anteriores. Assim se expressa um estudioso da Bíblia: "os papéis parecem estar invertidos: é o profeta que tem a iniciativa, ele que insiste e que está insatisfeito" (Gerhard Von Rad). Em outras palavras, o profeta se atreve a pedir contas a Deus do seu governo sobre o mundo.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- De um modo diferente à nossa fé cristã, os dois profetas proclamam a soberania de Deus na história dos povos, quer seja se alegrando pela destruição de um povo, quer seja pedindo a Deus contas pela sua maneira de administrar o mundo. Quanto aos cristãos hoje, vocês acham que estamos proclamando a soberania de Deus na história? Quem dirige a nossa história?

- Vocês acreditam nesta soberania de Deus sobre a história comum, do dia-a-dia do ser humano? Se acreditam, quais os instrumentos que Deus usa na condução da história (ou deveria usar)?



Jeremias

A Ruína Nacional e a Nova Aliança

1ª Parte

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE JEREMIAS

I - Oráculos contra Judá e Jerusalém (1.1-25.13)
1.4-6.30
7.1-20.18
21.1-24.10
25.1-13

II - Nos tempos de Josias
III - Sobre tudo nos tempos de Joaquim
IV - Depois de Joaquim
V - Babilônia, Flagelo de Javé

2 - Introdução aos oráculos contra as Nações
24.14-38

3 - Profecias de felicidade
26.1-24

27.1-29.32
30.1-31.40
32.1-33.26
34.1-35.19

4 - Os sofrimentos de Jeremias
36.1-46.1

5 - Oráculos contra as Nações
46.2-51.64

6 - Apêndices
52.1-34

Lamentações cap. 1 a 5

QUEM FOI JEREMIAS?

Jeremias, cujo nome significa Javé exalta, era natural de Anatote, pequena aldeia a aproximadamente 6 km de Jerusalém que vivia às custas da capital. Provinha ele de uma família de sacerdotes (Hilquias, seu pai, era sacerdote – 1.1 a qual provavelmente descendia de Abiatar, sumo sacerdote durante o reinado de Davi exilado por Salomão para Anatote (I Rs 2.26-27). Sua vocação profética, datada no décimo terceiro ano do reinado de Josias, isto é, por volta de 627, é descrita de maneira reservada e simples: uma aparição de Javé – da qual não se dá detalhes – onde Deus lhe toca a boca com a mão dizendo-lhe: “Eis que ponho em tua boca as minhas palavras”. Jeremias resiste a este chamado alegando ser muito jovem e incapaz de desempenhar tão importante missão. Porém, submete-se obedientemente à palavra divina e entra no serviço de Deus contra as nações para “arrancar e derribar (1.4-40). A vida e a atuação do profeta bem como o seu caráter e personalidade nos são conhecidos melhor do que as de qualquer outro profeta graças às narrativas biográficas acrescentadas no seu livro por discípulos. Além disso, existem passagens autobiográficas onde o profeta dialoga com apaixonada sinceridade com Deus. São poemas onde “ele exprime suas reações perante o destino em sua vida, e revela suas tentações pessoais e a sua luta com Deus a fim de ser obediente a seu chamado de profeta” (A. Bentzen). Estes poemas, ao todo em número de seis são denominados as “confissões de Jeremias” (11.18-23; 12.1-6; 15.10-21; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-8).

Jeremias viveu numa época crítica e assistiu bem de perto à ruína total de Judá; as invasões babilônicas em Jerusalém (598 e 587aC); o exílio e a destruição de sua cidade. Sua vida marcada pela frustração, fracasso e pelo sofrimento. Prega a um povo que já não pode converter-se porque desconhece o que é o bem (13.23; 25.6). É perseguido, preso, acusado de traidor e blasfemo, várias vezes tem a sua vida ameaçada. O drama de sua vida pessoal encontra-se também no seu caráter. Jeremias tinha “uma alma sensível e terna, feita para amar, e no entanto, foi chamado para “arrancar e derribar”, destruir e arruinar” (1.10) e devia predizer sobretudo a desgraça (20.8). Desejava a paz e teve de lutar contra seus amigos mais íntimos (20.10), contra os reis, sacerdotes, profetas e todo o povo. Era um “homem de rixa e de contendas para toda a terra (15.10). Era intimamente dilacerado pela sua missão da qual não podia fugir (20.9). Suas confissões dão testemunho de seu sofrimento: “Por que dura a minha dor continuamente?”

(15.18); “Maldito o dia em que nasci” (20.14). O profeta renuncia até mesmo à vida familiar (16.2) – coisa rara em Israel – pois acreditava que isto é uma exigência de sua missão.

A ÉPOCA DE JEREMIAS E SUA ATUAÇÃO

Jeremias exerceu seu ministério profético no período mais crítico da história de Judá e acompanhou bem de perto a seqüência de acontecimentos que levaram a sua nação à ruína total. A sua atuação se estende desde o décimo terceiro ano do reinado de Josias (1.2), isto é, por volta de 627aC, até poucos anos após a tomada definitiva de Jerusalém por Nabucodonosor em 587. A sua vida pessoal e a sua pregação estão de tal forma ligadas a estes acontecimentos que falar de Jeremias significa também conhecer o seu tempo. O envolvimento deste profeta nas grandes questões da sua época demonstra que “em política (como em tudo o mais) o primado pertence a Deus”. Os capítulos 21 a 25 de II Reis nos ajudam a entender a sua época. Podemos distinguir 3 períodos na atuação deste profeta:

1. ATUAÇÃO NA ÉPOCA DE JOSIAS

Josias subiu ao trono quando tinha oito anos e seu reinado marcou um período próspero na vida do povo. A Assíria, que durante mais de um século atormentava as pequenas nações, estava em plena decadência – o que permitia uma certa sensação de liberdade. Em Judá, crescia um forte sentimento nacionalista que rejeitava qualquer prática estrangeira. Tudo isto criava um clima favorável para uma verdadeira reforma interna. E a reforma veio atingindo seu ponto máximo em 621 aC, quando, durante, reparos no Templo, se achou o “Livro da Lei” – certamente alguma forma do livro do Deuteronômio. **A reforma deuteronômica**, como é chamada, eliminou todas as práticas religiosas pagãs que o antecessor de Josias, o tirânico Manassés, declaradamente favorecia; fechou todos os santuários locais centralizando o culto a Javé no Templo de Jerusalém e, conseqüentemente, estabeleceu uma nova ordem social onde a moralidade pública e a administração da justiça tiveram lugar importante. A influência benéfica da política de Josias se estendeu até mesmo às províncias do ex-reino do Norte.

Antes, porém, de se efetuar as medidas reformistas, a pregação dos profetas as anteciparam e prepararam o terreno para que elas se solidificassem. Já vimos como Sofonias por volta dos anos 640-630 aC

condenou os cultos estrangeiros e anunciou o "Dia do Senhor" como condenação de Deus ao seu povo infiel (cf. estudo sobre Sofonias). Do mesmo modo, a pregação inicial de Jeremias, a qual se dá exatamente no período anterior à Reforma Deuteronomista (627-621 aC), contribuiu para que ele atingisse seus objetivos. A esta época corresponde os **capítulos 1 a 6 de Jeremias**. Prega inicialmente em Anátota, sua cidade local; porém depois de um atentado contra a sua vida (11.18-23) se dirige para Jerusalém (5.1ss) onde a situação parece estar pior.

Jeremias atacou violentamente a idolatria e o culto a Baal. O pecado da nação era indesculpável: Deus havia demonstrado o seu amor libertando Israel do Egito e constituindo-o como seu povo. Como compreender agora o fato de que o povo o abandonou? (2.1-8). Nem entre os pagãos acontece coisa semelhante! (2.9-19). Judá era uma esposa adúltera incapaz de voltar aos braços de seu marido (3.1-5). Por isso, a palavra de Jeremias não pode ser outra senão de ameaça de castigo para a infidelidade da nação: "o Senhor os refugou" (6.30b). Este castigo será efetuado pelo inimigo do Norte" (1.14-15), provavelmente Assíria ou Babilônia. Depois da Reforma Deuteronomista até o fim do reinado de Josias, o profeta deve ter se silenciado certamente porque concordou com as medidas tomadas. Ele se lembrará favoravelmente de Josias: ele exercitou o juízo e a justiça" (22.15). Deste período também são os **capítulos 30 e 31** onde Jeremias se dirige aos deportados ao Reino do Norte, consolando-os e falando-lhes de graça e regresso.



2. ATUAÇÃO NA ÉPOCA DE JOEAQUIM

Diz o ditado popular que quanto mais alto, maior o tombo. Foi exatamente o que aconteceu com Judá. A reforma religiosa e a restauração nacional despertaram grandes esperanças em todo o povo, de forma que quando Josias morreu, ao tentar impedir que o faraó Neco do Egito fosse em auxílio da Assíria que sucumbia diante dos exércitos babilônicos, a decepção foi geral (cf. II Rs 23.28-30; batalha do Megido em 609aC). A partir disso, Judá fica sob o domínio que depõe Jeocaz, apenas a três meses no trono, e o substitui, por Jeoaquim (II Rs 23.31-35). Quatro anos depois (605aC), o Egito é derrotado na batalha de Carquemis pelos babilônicos que agora estendem seu império até a Palestina (II Rs 24.7). O Reino de Judá só trocará de dono.

Jeoquim, ao invés de procurar amenizar os sofrimentos do povo, agrava ainda mais a situação. É um típico ditador. Seu governo é caracterizado pelo "derramamento de sangue inocente, pela violência e exortação" (Jr 22.17). Ambicioso e egoísta, não se contenta com o palácio de seu pai e esbanja dinheiro, em prejuízo da economia nacional, na construção de um palácio mais luxuoso, empregando para isso o trabalho forçado (corvéia). Jeremias revela em relação a Jeoaquim um desprezo ilimitado; ele será sepultado como um jumento e ninguém vai lamentar a sua morte (leia Jr 22.13-23). Por isso, o profeta será o primeiro a opor-se à política do rei.

Conseqüentemente, a reforma que Josias com tanto vigor promoveu, retrocedeu visivelmente durante o reinado de Jeoaquim. Acontece que a morte trágica de Josias e a humilhação nacional matou a esperança do povo, que mais tarde julgará que a reforma foi um erro (Jr 44.17ss). O resultado foi este: retorno à situação de idolatria, imoralidade e injustiça social que prevalecia antes da reforma. Aliado a isto, urge uma confiança supersticiosa, de que a presença material do Templo de Jerusalém é a garantia de que Deus protegerá o seu povo.

Jeremias, no chamado discurso do Tempo (7.1-15), destrói a falsa segurança do povo ainda mais porque ela era pretexto para a prática da injustiça. Por isso, o majestoso Templo de Jerusalém terá o mesmo destino que o Santuário de Silo, isto é, a destruição (7.12-15; cf. relato paralelo no cap. 26.1-7). Nada poderá impedir este desastre; nem orações (7.16ss) nem holocaustos e sacrifícios (7.21ss). Deus pede a conversão (7.23ss) mas o povo prefere continuar nas práticas mais terríveis do paganismo como os sacrifícios humanos em Sofete, pelo que duramente castigado será (7.29-8.3).

O discurso do Templo provocou reações negativas entre aqueles que o ouviram sobretudo entre os sacerdotes: "este homem é réu de morte". Jeremias enfrenta, então, um tribunal e escapa do pior somente graças a interferências de pessoas influentes que apontam o fato de que Miquéias, nos tempos de Ezequias, proferiu palavras semelhantes e foi ouvido (26.1-19; cf. Mq 3.12). Urias, contemporâneo de Jeremias, não teve a mesma sorte sendo impiedosamente assassinado (26.20-24).

A impenitência do povo e a sua obstinação em praticar o mal e adorar outros deuses forçam Jeremias a pregar constantemente ameaças e desgraças. Os capítulos 7-20 referem-se a este período. A nação se rebelou contra seu divino rei e quebrou a aliança que Deus estabeleceu quando libertou o povo do Egito (11.1-17). É como um cinto apodrecido que não presta para nada (13.1-11). Por isso, Deus destruirá a nação assim como Jeremias quebrou a botija diante dos principais do povo (19.1-15).

Naturalmente, uma pregação desta natureza não agradava a ninguém e Jeremias pagou bem caro a ousadia. O peso de sua missão o tornou solitário: sem família (16.2) e sem amigos (20.10). Certa vez foi surrado e preso em um tronco durante a noite (20.1-6). Com certeza foi em ocasiões semelhantes que surgiram as Confissões e Orações de Vingança. Provavelmente, foi impedido de entrar no Templo, pois ao ditar suas palavras a Baruke, cumprindo as ordens de Deus, recomenda-lhe que as leis no Templo (36.1-10). A leitura do rolo impressiona o povo e seus líderes (36.11-19). Entretanto, Jeoaquim o rasga e o destrói no fogo. Jeremias e Baruke só escapam à ordem de prisão porque se esconderam a conselho dos simpatizantes de sua mensagem (36.20-26). Depois disso, Jeremias reescreve o rolo acrescentando-lhes outras palavras (36.27-32).

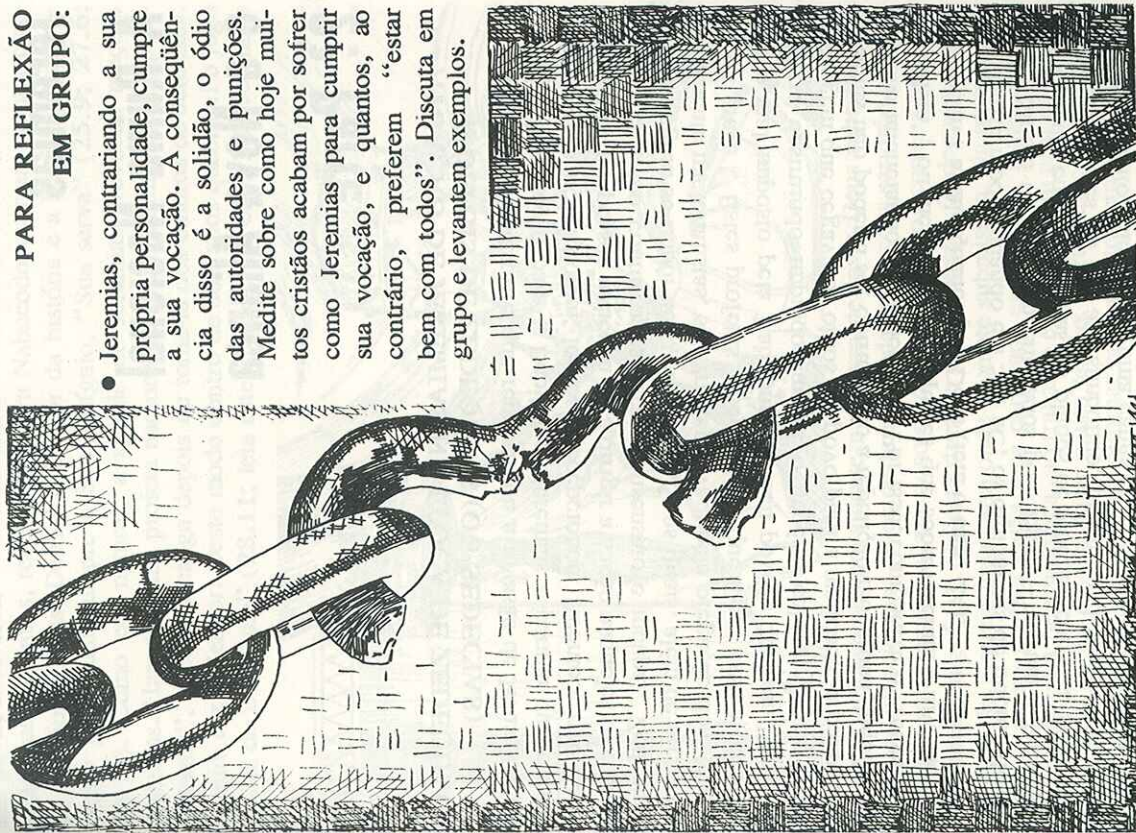
Desse período também é a oposição de Jeremias aos profetas do Templo, os quais proclamam graça para a nação e ocultam o seu pecado. Por isso, Jeremias não é ouvido. As sentenças de Jeremias contra os falsos profetas estão reunidas no capítulo 23.9-40.

Jeoquim foi um mau rei em todos os sentidos. Rebelou-se contra Babilônia (24.1) e somente não assistiu à invasão de Jerusalém porque morreu três meses antes deste acontecimento, possivelmente assassinado. Joaquim, seu filho e sucessor, juntamente com a nobreza e parte da po-

pulação, é levado cativo para a Babilônia. Estamos em 598aC diante da primeira deportação para a Babilônia. Depois disto, Judá está sob o governo de Zedequias (Matanias), o tio do Rei.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- Jeremias, contrariando a sua própria personalidade, cumpre a sua vocação. A consequência disso é a solidão, o ódio das autoridades e punições. Medite sobre como hoje muitos cristãos acabam por sofrer como Jeremias para cumprir sua vocação, e quantos, ao contrário, preferem "estar bem com todos". Discuta em grupo e levantem exemplos.



Jeremias

A Ruína Nacional

e a Nova Aliança

2ª Parte

3 – ATUAÇÃO DE JEREMIAS NA ÉPOCA DE ZEDEQUIAS E DEPOIS DE ZEDEQUIAS (OU SEDECÍAS)

Depois da catástrofe que representou a invasão de Jerusalém e a primeira deportação para a Babilônia, Jeremias esperava que o povo aprendesse a lição. Porém, logo se decepcionou. Acontece que Zedequias não era a pessoa indicada para dirigir a nação naqueles momentos tão graves e tão conturbados. Fraco, insensato e incapaz, Zedequias não conseguiu se impor aos nobres (38.5) os quais, além de serem extremamente nacionalistas, se caracterizavam pela pregação dos “profetas da graça”. Estes profetas asseguravam que Deus estava ofendido com o mal imposto pela Babilônia ao Seu povo e que, em breve, se vingaria destruindo impiedosamente o império caldeu. Diante dessa mensagem que cegava os olhos do povo para a realidade, a palavra de Jeremias não poderia ser outra senão a repetição monótona daquilo que já vinha anunciando: a condenação. Por isso, comparava o “restante de Jerusalém”, ou melhor, todos aqueles que sobreviveram à invasão com figos podres amaldiçoados por Deus (leia o cap. 24).

Deste modo, quando em 594 aC, os diplomatas de Edom, Moabe, Tiro e Sidom (27.3) – incentivados pelo Egito – vieram a Jerusalém para discutir com Zedequias os planos de rebelião contra a Babilônia, Jeremias, através de um ato simbólico, procurou desanimá-los de tal empreendimento. Ele coloca uma canga de boi no pescoço anunciando

que o próprio Deus havia imposto o jugo da Babilônia sobre as nações às quais só restava uma opção: submeter-se a este jugo ou perecer. “Meti o vosso pescoço no jugo do rei de Babilônia, servi-o, a ele e ao seu povo, e viveis” – é o conselho de Jeremias ao rei (27.12). Portanto, para Jeremias, rebelar-se contra Nabucodonosor era atentar contra o próprio Deus; Deus é o Senhor da história e a Babilônia instrumento pelo qual cumpre o Seu desígnio, “Sua serva” (25.9; 27.6; 43.10). Como era natural, a atitude de Jeremias provocou reações violentas. Hananias, um profeta nacionalista num “contra-ção impressionante”, quebra a canga depois de tomá-la dos ombros de Jeremias: “assim diz o Senhor: Deste modo dentro de dois anos quebrarei o jugo do rei de Babilônia” (28.11; leia este episódio no cap. 28). Jeremias



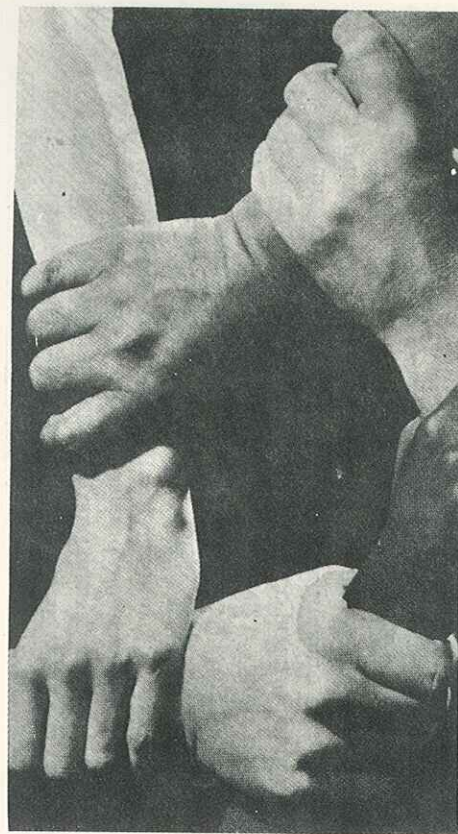
se retira até receber novamente a palavra de Javé: Deus substituirá os jugos de madeira por jugos de ferro e todas as nações servirão a Nabucodonosor. Jeremias sai vitorioso da disputa pois, ao ocorrer a morte de Hananias, ninguém o contesta durante algum tempo. Zedequias desiste da rebelião e envia uma carta onde promete submissão. Na mesma ocasião, o nosso profeta envia uma carta aos exilados da Babilônia (29) exortando-os à perseverança, ao trabalho e à oração em prol da Babilônia, pois o exílio deverá durar muito tempo. Certamente, esta carta desiluiu aqueles que esperavam retornar brevemente para a pátria.

Em 587 aC, apoiado pelo Egito, Zedequias quebra o juramento de submissão e rebelar-se contra a Babilônia. O resultado desta ação vem logo: os exércitos babilônicos avançam para punir os rebeldes. Nessa ocasião, o rei manda procurar Jeremias para perguntar-lhe se é possível que Deus os liberte milagrosamente do poderio babilônico. A resposta é clara: Deus mesmo está combatendo contra o seu povo; a única salvação é entregar-se (21.1-7; cf 34.1-7).

No meio da batalha, a notícia de que os exércitos egípcios avançam, produz uma sensação de alívio, pois os babilônicos se vêem forçados a abandonar momentaneamente o cerco para combater os egípcios. Isto faz com que os judeus, que na hora do cerco haviam prometido libertar os escravos, irmãos seus (leia Dt 15.12-15), faltassem com a palavra (Jr 34.8-22), o que foi prontamente condenado por Jeremias. A tranquilidade do povo é apenas passageira: os exércitos egípcios voltarão para a sua pátria e os babilônicos retornarão e tomarão Jerusalém (37.1-10). Nada poderá salvá-los. O único remédio é entregar-se ao inimigo. Por isso, Jeremias aconselha o ovo a desertar (21.8-10), o que, de fato, muitos fazem (38.3, 19; 39.9). Isto lhe vale a acusação de traidor e, finalmente, a prisão num poço velho onde é deixado para morrer (37.11ss; 38.1ss). Jeremias é salvo graças à interferência dos poucos amigos.

Jerusalém é tomada e inteiramente destruída. Zedequias, depois de assistir à morte de seus filhos e de ter os seus olhos vazados, é levado do cativo para a Babilônia juntamente com a população; somente os camponeses, incapazes de uma revolta ficam em Judá (39.1-10; cf. II Rs 24.20-25.22). A Jeremias é dado escolher: permanecer ou seguir adiante para a Babilônia. Ele prefere ficar e ajudar a reconstruir a nação (39.11-40.6).

Um tal de Gedalias é nomeado governador. Gedalias, porém, é orgulhoso e, ao ter sido alertado que um grupo pretendia assassiná-lo (provavelmente porque o julgassem um colaborador dos babilônicos), ignora o fato sendo uma vítima fácil. O povo, embora inocente deste crime, teme uma represália dos babilônicos e, contra as exortações de Jeremias (cap 42), foge para o Egito forçando o profeta a acompanhá-los (cap. 43). Aquele que sempre dissera a verdade, também no Egito estará pronto a condenar a idolatria do seu povo, mesmo que seja contraditório (cap. 44). Esta é a última notícia que temos do profeta Jeremias. De acordo com uma **lenda judaica** ele foi apedrejado e morto por seus compatriotas.



Uma observação: Jeremias não é exclusivista e vê a ação de Deus no plano mundial e não somente nos limites de sua nação. Há uma coleção de sentenças onde o profeta ameaça de destruição vários povos (Jr 25.15-38; 46-51). Deus é Senhor da história e julga o orgulho e a confiança ímpia das nações em si mesmas (46.7s; 48.1s, 7,14, 42; 49.4).

A MENSAGEM DE JEREMIAS

Muitas são as linhas mestras do livro de Jeremias: sua concepção de Deus – Seu amor, Sua soberania e majestade na direção da história, e Sua liberdade nas relações entre os homens –; a noção de religião como “comunhão de corações que une o indivíduo a Deus”; a consciência do pecado humano; a história de sua vocação, etc... Nesta conclusão, entretanto, destacaremos o seu papel na história da salvação. Que efeitos teve a pregação de Jeremias na história do povo eleito?

A destruição de Jerusalém, o desaparecimento de Judá como nação e a quebra da sucessão Davídica ameaçavam a própria existência da religião israelita e a fé no Deus Único e Senhor da História. Jeremias e, depois dele Ezequiel, ao darem uma interpretação religiosa aos acontecimentos (eles representavam o julgamento justo de Javé ao seu povo infiel) impediram que a fé se perdesse. Ao questionar as falsas seguranças do povo, Jeremias não pretendia levá-los ao desespero, mas norteá-los a permanecerem fiéis à Palavra de Javé ainda que isto contrariasse a política e os sentimentos nacionais.

Esta sua pregação facilitava a “formação de uma comunidade nova”, à qual o cidadão não pertencia automaticamente pela sua participação no povo eleito, mas somente por uma decisão individual. Esta noção era fundamental para a sobrevivência da comunidade de fé depois que a a nação havia sido destruída.

Jeremias não se limitou a destruir as falsas esperanças do povo. Ela foi também o arauto de uma esperança positiva. O profeta encarava o exílio como um intervalo depois do qual estava o futuro de Deus (29.10-14). Quando Jerusalém sucumbia diante do poderio babilônico, Jeremias adquire uma propriedade (32.6-15) afirmando que “casas, campos e vinhas deverão ser compradas novamente nesta terra”. A esperança de Jeremias não se baseava num “ressurgimento da nação” ou em qualquer “esforço humano, mas em um novo ato redentor (31.31-34); Javé chamaria seu povo – como uma vez tinha chamado no Egito – e perdoadando seus pecados, faria com ele uma nova aliança, escrevendo a Lei nos seus corações” (Brigt, J. *História de Israel*, Ed. Paulinas, pg. 458).

Essa compreensão permitiu o surgimento desta nova comunidade que, plena de esperança, resistiu às durezas do exílio, cultivou a fé no Deus vivo e preparou o povo para receber a revelação máxima de Deus – Jesus Cristo.

APÊNDICE - O LIVRO DE LAMENTAÇÕES

Este livro, que se compõe de cinco poemas, tem como tema central a destruição de Jerusalém em 587 aC, por Nabucodonosor. A tradição, baseada em II Cr 32.25, tem ligado o nome de Jeremias a estas lamentações, muito embora o texto hebraico não indique de forma alguma o seu autor. Uma comparação cuidadosa entre os dois livros demonstra, contudo, que esta tradição é imprecisa.

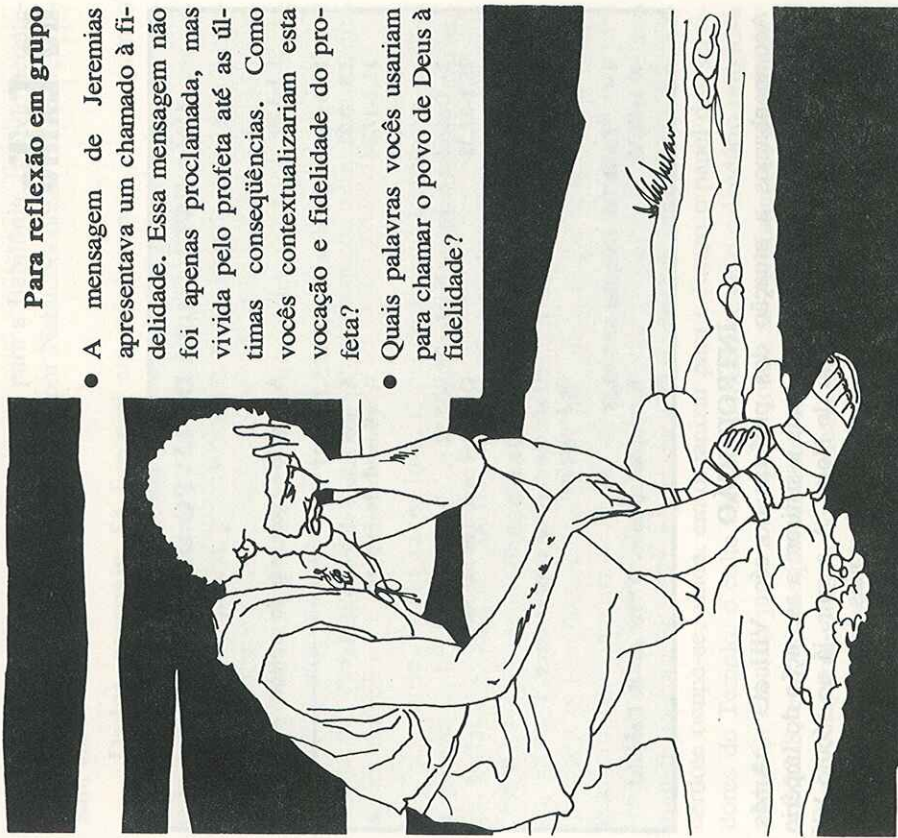
1. Jeremias não poderia, em hipótese alguma, exaltar a memória de Zedequias (Lm 4.20; Jr 37.17-21; cf 22.24ss.).
2. Nem dizer que a inspiração profética havia cessado (Lm 2.9; Jr 42.7-22).
3. Nem esperar pelo auxílio egípcio que ele sempre combateu (Lm 4.17).
4. Nem culpar os antepassados pelo castigo (Lm 5.7), pois defendia o princípio da responsabilidade individual (Jr 31.29s).

5. Além disso, o estilo espontâneo e vivo de Jeremias não se coadunou com o gênero artificial das lamentações, que são poemas alfabéticos.

O livro foi, portanto, escrito por autor ou autores anônimos que assistiram a esta catástrofe. Os poemas descrevem em traços tristes e comovedores o luto da cidade e seus habitantes. Diz um estudioso: “Dessas queixas dolorosas jorra, contudo, uma confiança invencível em Deus e o arrependimento profundo de que dá testemunho esse livro de um valor permanente” (Veiga, G.S. Apostila – Faculdade de Teologia da Igreja Metodista – pg. 11).

Para reflexão em grupo

- A mensagem de Jeremias apresentava um chamado à fidelidade. Essa mensagem não foi apenas proclamada, mas vivida pelo profeta até as últimas consequências. Como vocês contextualizariam esta vocação e fidelidade do profeta?
- Quais palavras vocês usariam para chamar o povo de Deus à fidelidade?



Ezequiel

O Povo no Exílio

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE EZEQUIEL

- | | |
|--|---|
| 1.1-3.20 | A vocação e a comissão do profeta |
| 1 - Antes do Cerco de Jerusalém 3.22-24.27 | |
| 3.1-10.22 | As profecias e visões do atalaia |
| 11.1-17.24 | A infidelidade do povo |
| 18.1-24.27 | |
| 2 - Oráculos contra as Nações 25.1-32.32 | |
| 25.1-32.32 | Oráculos contra as nações |
| 3 - Durante e após o cerco de Jerusalém 31.1-39.29 | |
| 33.1-39.29 | O atalaia durante e após o cerco de Jerusalém |
| 4 - A "Torah" de Ezequiel 40.1-48.35 | |
| 40.1-48.35 | Instruções ao povo. O "Torah" de Ezequiel |

INTRODUÇÃO

Acompanhamos a atuação dos profetas do séc. VIII aC - Amós, Oséias, Isaías e Miquéias - os quais assistiram a ascensão do Império Assírio e à destruição do Reino de Norte. A seguir, já no século VII aC, vimos Sofonias, Naum, Habacuque e Jeremias exercerem seu ministério profético diante do enfraquecimento e do fim do Império Assírio.

rio, o qual cedia o seu papel de dominador à Babilônia que, através de Nabucodonosor, destruiria completamente Jerusalém levando cativo grande parte de sua população, em 598 e 587 aC. O cativo babilônico durará cerca de cinquenta anos (587 a 438 aC). Este período é marcado pela pregação de dois grandes profetas: Ezequiel e o chamado Deutero-Isaías (ou segundo Isaías - **Isaías 40-55**).

QUEM FOI EZEQUIEL?

Ezequiel, cujo nome significa Deus é forte, viveu no período mais dramático da História de Judá e sentiu "na carne" os sofrimentos de seu povo, pois ele mesmo foi levado para a Babilônia, quando aconteceu o primeiro assalto empreendido por Nabucodonosor contra Jerusalém, em 598 aC.

Dados pessoais: Se Ezequiel era relativamente jovem quando iniciou o seu ministério profético - cerca de 593 aC - ele deve ter nascido nos tempos de reforma de Josias (621 aC), provavelmente em Jerusalém. Quando jovem, possivelmente, tenha ouvido a violenta pregação de Jeremias e se impressionado por ela. Em 598 aC, é levado cativo para a Babilônia onde, cinco anos mais tarde (cf **Ez 1.2ss**), recebe a vocação para ser profeta. Ezequiel era casado mas, sua mulher, "o desejo de seus olhos", morreu pouco antes da queda definitiva de Jerusalém em 587 aC (**24.15ss**).

Ezequiel como sacerdote: O pai de Ezequiel chamava-se Buzi e era sacerdote (1.8) - donde se conclui que o profeta Ezequiel pertencia à classe sacerdotal. Talvez, ele fizesse parte do clero que, antes de 598 aC, atendia ao Templo. Essa sua origem determinará as suas preocupações. Por exemplo: o Templo será um de seus temas prediletos, quer seja o Templo que tem diante dos olhos e que se apresenta maculado por ritos impuros (cap. 8) do qual a "Glória de Deus" se retira (cap. 10), quer seja o Templo futuro para o qual ele traça um plano minucioso (cap. 40-42), e para onde Deus retorna (cap. 43), como sacerdote ocupa-se, ainda, em organizar para o futuro o papel dos servidores do Templo, o culto em seus pormenores e o calendário religioso (**44-46**). Protesta junto a seu povo contra as "profanações do sábado" (cf **22.8**; etc). Consequentemente, Ezequiel dá uma menor importância - se o compararmos com os profetas que o antecederam - às violações dos mandamentos sociais e morais. A razão disto está em que Ezequiel, de acordo com as palavras do estudioso Von Rad, entendia as falhas e

Ezequiel

O Povo

no Exílio

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE EZEQUIEL

- 1.1-3.20 A vocação e a comissão do profeta
- 1 - Antes do Cerco de Jerusalém 3.22-24.27
- 3.1-10.22 As profecias e visões do atalaia
- 11.1-17.24 A infidelidade do povo
- 18.1-24.27
- 2 - Oráculos contra as Nações 25.1-32.32
- 25.1-32.32 Oráculos contra as nações
- 3 - Durante e após o cerco de Jerusalém 31.1-39.29
- 33.1-39.29 O atalaia durante e após o cerco de Jerusalém
- 4 - A "Torah" de Ezequiel 40.1-48.35
- 40.1-48.35 Instruções ao povo. O "Torah" de Ezequiel

INTRODUÇÃO

Acompanhamos a atuação dos profetas do séc. VIII aC - Amós, Oséias, Isaías e Miquéias - os quais assistiram a ascensão do Império Assírio e à destruição do Reino de Norte. A seguir, já no século VII aC, vimos Sofonias, Naum, Habacuque e Jeremias exercerem seu ministério profético diante do enfraquecimento e do fim do Império Assí-

rio, o qual cedia o seu papel de dominador à Babilônia que, através de Nabucodonosor, destruiria completamente Jerusalém levando cativo grande parte de sua população, em 598 e 587 aC. O cativo babilônico durará cerca de cinquenta anos (587 a 438 aC). Este período é marcado pela pregação de dois grandes profetas: Ezequiel e o chamado Deutero-Isaías (ou segundo Isaías - Isaías 40-55).

QUEM FOI EZEQUIEL?

Ezequiel, cujo nome significa Deus é forte, viveu no período mais dramático da História de Judá e sentiu "na carne" os sofrimentos de seu povo, pois ele mesmo foi levado para a Babilônia, quando aconteceu o primeiro assalto empreendido por Nabucodonosor contra Jerusalém, em 598 aC.

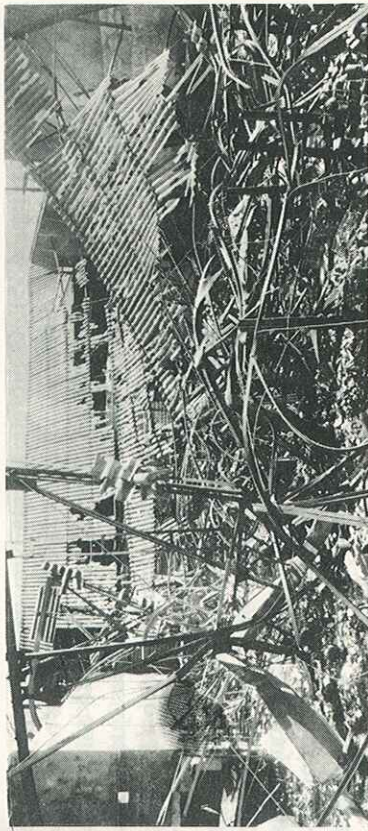
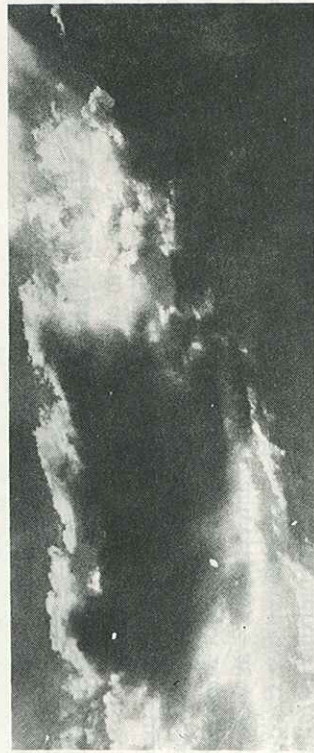
Dados pessoais: Se Ezequiel era relativamente jovem quando iniciou o seu ministério profético - cerca de 593 aC - ele deve ter nascido nos tempos de reforma de Josias (621 aC), provavelmente em Jerusalém. Quando jovem, possivelmente, tenha ouvido a violenta pregação de Jeremias e se impressionado por ela. Em 598 aC, é levado cativo para a Babilônia onde, cinco anos mais tarde (cf Ez 1.2ss), recebe a vocação para ser profeta. Ezequiel era casado mas, sua mulher, "o desejo de seus olhos", morreu pouco antes da queda definitiva de Jerusalém em 587 aC (24.15ss).

Ezequiel como sacerdote: O pai de Ezequiel chamava-se Buzi e era sacerdote (1.8) - donde se conclui que o profeta Ezequiel pertencia à classe sacerdotal. Talvez, ele fizesse parte do clero que, antes de 598 aC, atendia ao Templo. Essa sua origem determinará as suas preocupações. Por exemplo: o Templo será um de seus temas prediletos, quer seja o Templo que tem diante dos olhos e que se apresenta maculado por ritos impuros (cap. 8) do qual a "Glória de Deus" se retira (cap. 10), quer seja o Templo futuro para o qual ele traça um plano minucioso (cap. 40-42), e para onde Deus retorna (cap. 43), como sacerdote ocupa-se, ainda, em organizar para o futuro o papel dos servidores do Templo, o culto em seus pormenores e o calendário religioso (44-46). Protesta junto a seu povo contra as "profanações do sábado" (cf 22.8; etc). Consequentemente, Ezequiel dá uma menor importância - se o compararmos com os profetas que o antecederam - às violações dos mandamentos sociais e morais. A razão disto está em que Ezequiel, de acordo com as palavras do estudioso Von Rad, entendia as falhas e

o pecado de seu povo “no domínio das coisas santas”: “Israel profanou o santuário” (5.11), entregou-se a outros cultos (8.7ss); pôs ídolos em seu coração (14.3ss), numa palavra tornou-se “ímpuro” diante de Javé” (Teologia do AT, pg. 215). Pelo mesmo motivo Ezequiel abomina as impurezas ilegais (4.14; 36.17; 44.7) e procura distinguir o sagrado do profano (45.1-6; 48.9ss).

Ezequiel como profeta: Se é verdade que Ezequiel é influenciado pela sua origem sacerdotal, não menos verdadeira é a afirmação de que ele é um autêntico profeta. É em 593 aC, junto ao rio Quebar, na Babilônia, que ele é chamado à missão profética (cap. 2-3) por meio da visão aterradora da Glória de Deus (cap. 1). A linguagem deste primeiro capítulo – rebuscada e simbólica – expressa, embora de forma muito mais excepcional, a mesma realidade percebida por Isaías (compare **Is 6 com Ez 1**). Ele quer tão somente acentuar a Glória e a majestade de Deus. Ezequiel tem plena consciência de sua missão como atalaia – isto é, sentinela, vigia – de Israel (3.16-21; 33.1-9). Ezequiel é, portanto, um verdadeiro profeta. Entretanto, é um profeta diferente. Alguém o chamou de “barroco”.

De fato, a sua linguagem, o seu estilo, as numerosas visões e ações simbólicas, as alegorias e parábolas abundantes em todo o livro, dão a Ezequiel um caráter todo particular. O seu comportamento estranho (por exemplo: surdez e mudez, prolongado estado na mesma posição corporal – 3.24ss; 4.4-8; 24.27; 33.12 e outros) aventurou alguns estudiosos a levantar a hipótese de que talvez o profeta sofresse alguma doença psicológica. Contudo, nada pode ser dito com segurança. Ezequiel pregou para os exilados, durante pouco mais de 20 anos – 593 a 571 aC (cf. 1.2; 29.7; 40.1).



OS TEMPOS DE EZEQUIEL

O profeta exerceu seu ministério pouco antes da destruição final de Jerusalém até o ano 571 aC, do cativo babilônico. Para uma reconstituição mais detalhada deste período veja o estudo no profeta Jeremias.

A MENSAGEM DE EZEQUIEL

A disposição atual do livro de Ezequiel forma um todo homogêneo. Depois de uma introdução onde o profeta recebe a sua missão de Deus (1-3), o livro se divide claramente em quatro partes:

1. Capítulos 4-24 – onde se encontra quase exclusivamente repressões e ameaças contra os israelitas. A situação pressuposta nestes versículos é aquela antes de 587 quando se dá a destruição definitiva de Jerusalém. Neste sentido, a mensagem de Ezequiel é semelhante à de Jeremias. Ele anuncia a condenação de Judá como o julgamento justo de Javé. Ele expressa isto por meio de vários atos simbólicos: “Traçando um diagrama de Jerusalém num tijolo de argila, ele comia (4.1-15), rapando os cabelos e a barba, ele queimou um pouco do cabelo, cortou outro pouco com a espada, espalhou-os ao vento e pregou alguns pêlos na orla de seu manto (5.11-17), simbolizando o destino de seu povo. Numa ocasião (12.3-7), fazendo um buraco na parede de sua casa. Ezequiel saiu por ele ao crepúsculo e, carregando às costas a sua bagagem, fingiu estar indo para o exílio. Quando, um pouco antes de Jerusalém cair, sua mulher veio a falecer. Ele reprimiu qualquer sinal de tristeza, indicando a aproximação de um desastre muito apropriado para lágrimas (24.15-24)” (Brigth, J. *História de Israel*,

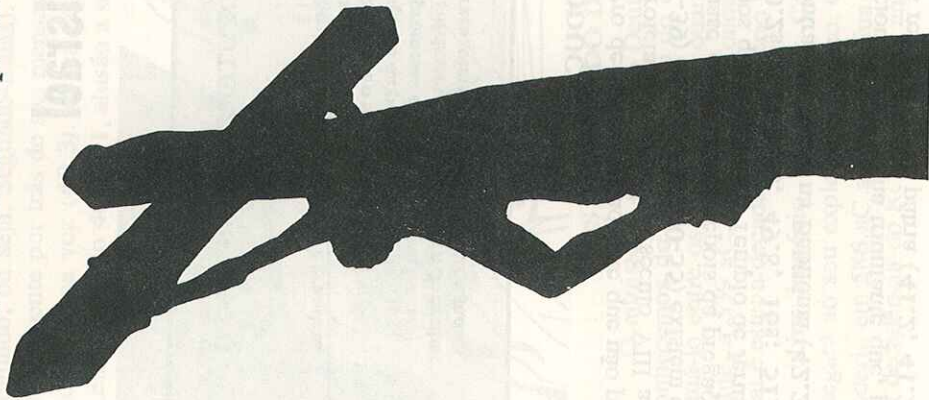
Ed. Paulinas pg. 435). O profeta aponta com lucidez o pecado de seu povo que atrai a ira divina: a idolatria (cap. 6) que força o abandono da Glória divina no Templo (cap. 10), e sua obstinação em permanecer no mal. Investe contra os falsos profetas e profetizas que procuram, com palavras mentirosas, dar uma esperança ao povo (13.1ss); ele os compara à "cal grossa em cima duma muralha cheia de fendas" (13.10ss). Ao recordar a história de Israel, Ezequiel afirmará que ela foi uma traição contínua (29.1-49). Por isso mesmo que em Jerusalém vivem homens justos como Noé, Daniel e Jó, ela seria condenada (14.12ss). No capítulo 15 Jerusalém é comparada a uma vinha infrutífera que para nada mais serve senão para queimar. O capítulo 16 é uma alegoria baseada na imagem da esposa infiel (Judá que trai o marido - Javé - o qual a havia cercado de atenções). A maldade de Jerusalém excedeu à de Sodomo e Samaria (16.44-63). Digno de citação é o capítulo 18 onde Ezequiel rompe com a mentalidade fatalista e protesta contra a interpretação excessivamente rigorosa do princípio da solidariedade social. Para ele, o que contava era a responsabilidade individual.

2. **Capítulos 25-32:** Ezequiel descreve o julgamento divino que se abate não somente sobre Judá mas também sobre outras nações. Descreve primeiramente o julgamento sobre os povos limítrofes de Judá - Amom, Moabe, Edom e os Filisteus - "os quais, embora pequenos e sem expressão, mostravam-se soberbos, molestos e provocantes" (25.1-7). A seguir, vêm sentenças contra Tiro e seu rei numa linguagem de rara beleza (26.1-28.19). O Egito também não escapa da palavra dura do profeta (29-32). Interessante observar que em nenhum lugar de Ezequiel se fala negativamente da Babilônia!

3. **Capítulos 33-39:** - A nação está derrotada. Jerusalém destruída. Uns se revoltam contra Deus ("Ele é injusto" Ez 33.17-20). Outros, por sua vez, se desesperam ("os nossos pecados pesam sobre nós. Como viver daqui por diante?" - 33.10-16). Ezequiel entende que agora entre os ombros há lugar para esperança. Neste trecho, temos belas passagens onde Ezequiel procura fortalecer o ânimo dos exilados. **Ezequiel 34** fala dos "pastores e do pastor verdadeiro, ou seja, dos pastores (reis e sacerdotes) que levaram o povo à ruína e do Bom Pastor que é Deus. O capítulo 37, por sua vez, descreve de maneira surpreendente a restauração nacional através da imagem do "vale dos ossos secos". O povo que está literalmente morto será restaurado por um novo ato de Deus (37.1-14). Os pedaços de madeira que se

ajustam perfeitamente simbolizam a união plena que existirá no futuro entre os reinos de Judá e Israel (37.15-28). O capítulo 36.16-38 descreve também a restauração do povo sob novas imagens: Deus irá tirar o "coração de pedra" e substituí-lo por "um de carne" - assim o povo poderá de fato, amá-lo.

4. **Capítulos 40-48:** - Ezequiel imagina como será a Nova Nação que surgirá após o exílio. Podemos subdividi-lo em três partes que correspondem a promulgação de três leis: do templo (40.5-43.12); do culto (43.13-47.12) e da Terra Santa (47.13-48.35) - (cf Balarini, *Introdução à Bíblia, II/3 p. 348s*).



PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- Este novo profeta nos traz a visão de infidelidade do povo em figuras vivas, como a da prostituta. Meditem sobre como vocês se sentiriam de ter de falar assim de seu povo, sua terra, enfim, sua pátria.
- Mesmo assim, o profeta anunciou/denunciou. Como isto deve ser visto à luz de nossa missão profética hoje?
- O profeta não apenas anunciou o julgamento como também pregou a esperança e o conforto. Ele era sensível ao momento e à necessidade do povo. Em nossas palavras somos sensíveis ao momento e necessidade de nosso povo?

Deutero — Isaías

0 Livro

da Consolação de Israel

UMA ESTRUTURA DO DEUTERO-ISAÍAS (40-55)

40.1-45.25	O Senhor vem em majestade e grandeza
42.1-43.28	O servo do Senhor
44.1-45.25	O Senhor é o único Deus
46.1-47.15	A queda da poderosa Babilônia
48.1-49.26	A promessa da restauração de Israel
50.1-52.15	O sofrimento vicário do Servo do Senhor
53.1-55.13	Graça, oferecida gratuitamente a todos

INTRODUÇÃO

Uma leitura cuidadosa do livro de Isaías nos adverte que não podemos atribuir todo o livro ao profeta que viveu no século VIII aC. Entre a primeira parte de Isaías (1-39) e a segunda (40-55) existem diferenças notáveis. Passaram-se quase dois séculos depois da pregação do grande Isaías. Já faz muitos anos que a cidade o Templo de Jerusalém acham-se destruídos (cf 40.2ss; 44.26ss; 49.8, 16s; 51.3; 52.9. O povo, por sua vez, encontra-se exilado na Babilônia (42.22; 43.14; etc).

Mas o rei persa Ciro já iniciou a sua marcha triunfante que, por fim, permitirá aos judeus cativos retornar à sua pátria (41.2; 41.25;

44.28; 45.1ss). Além dessas divergências de ordem histórica nota-se contrastes de ordem literária (estilo e vocabulário) e doutrinária. Enquanto as profecias da primeira parte possuem um tom ameaçador, as da segunda parte querem consolar e fortalecer o povo exilado. Por essas razões os capítulos 40-55 de Isaías são atribuídos a um profeta anônimo que viveu nos últimos anos do cativeiro babilônico.

QUEM FOI O “DEUTERO-ISAÍAS”?

Concretamente, nada sabemos acerca deste profeta. Nem mesmo o seu nome. Convencionou-se denominá-lo “Deutero-Isaías” (Deutero é segundo, ou seja, Segundo-Isaías). Acontece que o profeta desaparece inteiramente por trás de sua mensagem. Ele não pretende ser nada mais do que uma voz (40.3). A sua pessoa passa para um segundo plano. Leia o capítulo 40.1-11, alusão a sua vocação.



OS TEMPOS DO DEUTERO-ISAÍAS

O ministério profético do Deutero-Isaías harmoniza-se com o que conhecemos do último período do exílio babilônico. Assim, podemos situá-lo entre os anos 550 aC., quando Ciro inicia a sua marcha triunfante, a 539 aC, que marca a Conquista da Babilônia. O cenário mundial é este: a decadência do Império Babilônico e a ascensão de Ciro.

Um império decadente: Com Nabucodonosor, a Babilônia, chegara ao seu esplendor máximo. Os seus exércitos estenderão o seu poderio em 586 aC até o Egito. Sua morte, entretanto, marcará o início da decadência do reino. Em sete anos, três imperadores o sucedem até

que, finalmente, Nabonido se fortalece no poder. Este era adorador da deusa Lua – Sim – e, por esta razão, procurou elevá-la à máxima posição dentro os deuses babilônicos. Restituíu inúmeros ritos de há muito esquecidos. Ora, todas estas medidas provocavam revoltas no sacerdócio da capital, o qual venerava Marduk. Mais estranha ainda foi a atitude de Nabonido que se retirou durante oito anos para o Oásis de Tema – no deserto árabe – nomeando como regente o seu filho Belsharur – Sur (o Baltasar da Bíblia). Quando Nabonido retorna, as discórdias quanto a seu governo ainda permanecem. A Babilônia dividida entre si seria uma presa fácil para Ciro.

Ascensão de Ciro: Enquanto a Babilônia dividida entre si se debatia, surgia no cenário mundial aquele que criaria, “com golpes rápidos”, um gigantesco império – “muito maior do que qualquer outro antes dele”, segundo o testemunho de um historiador moderno. Ciro – o persa – era rei de Ashon, no sul do Irã, e vassalo do rei medo Aetia- ges. Tendo se rebelado contra o Império Medo. Ciro tomará a sua capital em 550 aC, tornando-se, em virtude disto, rei de um grande império. Imediatamente, outros reinos se sentiram ameaçados. Depois de um conflito com o rei da Líbia. Ciro, em 546 C, apodera-se de Sardes es- tendendo o seu império. Os anos de 545 a 540 marcam o período de lutas para conquistar as cidades gregas do litoral. Ciro é agora Senhor absoluto de toda a Ásia Menor. O confronto com a Babilônia é inevitável. As lutas e divergências internas impedem a Babilônia de armar uma resistência sólida contra o inimigo. A batalha decisiva é travada com derrota esmagadora para a Babilônia. Pouco depois, o exército persa entra na Babilônia que não oferece nenhum combate. Os sacer- dotes de Marduk haviam preparado este acontecimento. Ciro entra na cidade e é saudado pelos próprios habitantes como um libertador. Ciro, por sua vez, declara-se chamado pelo deus Marduk para suceder legiti- tamente ao impio Nabonido.

A situação religiosa: Já fazia muito tempo que Jerusalém fora destruída e o exílio ainda perdurava. Ezequiel e o próprio Jeremias não haviam assegurado que o exílio seria apenas um intervalo? Muitos se deixavam abater. Além disso, a “pompa” do culto babilônico ao deus Marduk, a riqueza de suas festas, a beleza de seus hinos e o poder de seus sacerdotes, aliados à admiração gerada pelo grande desenvolvi- mento da civilização babilônica, perto da qual a destruída Jerusalém nada mais era do que uma “cidade do interior”, questionava profunda-

mente a fé dos judeus piedosos. A humilhação de Judá não era a prova de que Marduk era superior a Javé – um “deusinho” sem expressão? A grande tentação era sucumbir à idolatria encarnada na grande potência mundial. Ademais, os acontecimentos mundiais – o confronto de impé- rios – demonstrava que “o dia das pequenas nações – e dos pequenos deuses – havia passado”. Tinha Javé o controle dos acontecimentos? Deus dirigia ou não a história? Estas perguntas exigiam uma interpreta- ção mais audaciosa da religião e da fé de Israel sob a pena de, se não respondidas, conduzirem os judeus ao ceticismo ou, o que é pior, à professar a idolatria. É neste contexto que o profeta anônimo do exílio é chamado para consolar e fortalecer o ânimo dos desterrados. Leia o capítulo 40.27-31.

A MENSAGEM DO DEUTERO-ISAÍAS

O Deutero-Isaías é “profeta da graça”. Ele não cessa de anunciar a libertação, a redenção e a graça. Sua missão é definida já nos primei- ros versículos: “Consolai, consolai, meu povo” (40.1). O profeta não



pretende nada mais do que consolar, isto é, “dar coragem” fortalecer o ânimo dos exilados. De fato, não é sem razão que estes capítulos foram chamados “O Livro da Consolação de Israel”, isto, porém, não o impede de censurar o povo quando este se revela “cego e surdo” para compreender a ação de Deus (42.18-25). Ao que parece, ele mesmo enfrentou a oposição de seus compatriotas (cf 49.1-6; 50.4-11).

Como os profetas anteriores – Jeremias e Ezequiel – o Deutero-Isaías entendeu que o cativo babilônico foi o julgamento justo de Deus para o seu povo infiel (48.1-11; 43.22-28). Mas isto não representou um repúdio definitivo de Israel (50.1-3). Deus está pronto a perdoar e a conduzir de volta o seu povo (40.2; 40.22ss). Aliás, Israel já pagou “em dobro” (40.2) o seu pecado. O rei persa, Ciro, é apresentado como o pastor de Javé (44.28), o ungido (45.1), o amado de Deus (48.14). Nunca um pagão recebera tão altos predicados. Alguns estudiosos afirmam que o capítulo 42 (vs. 1-9) se refere a Ciro. A grandeza de Ciro se fundamenta no fato de que ele é o instrumento de Deus para libertar o seu povo (cf 41.1-5; 44.21-28; 45.1-4): é ele quem vai restabelecer Jerusalém, libertar os exilados, reconstruir o Templo (45.13; 44.26ss). O profeta já entrevê a derrota final da Babilônia (cap. 47).

O profeta descreve a sua esperança de salvação em termos de um “novo êxodo” o qual superará os prodígios do êxodo do Egito. Trata-se de um novo ato redentor de Deus (42.9; 43.14-21). O próprio Deus os acompanhará (52.12); eles marcharão sem pressa (cf Ex 12.11; Dt 16.7), andarão por caminhos planos (49.11); não sofrerão nem fome, nem sede (48.21); nada poderá abatê-los (43.2; 49.10); a própria natureza participará deste evento: os montes romperão em cânticos e as árvores baterão palmas (49.13; 55.12).

A sua esperança é segura, pois ela se fundamenta em Deus, de quem o Deutero-Isaías tem uma concepção excelsa. Aliás, o profeta não cansa de exaltar a **grandeza de Deus**: Javé é o primeiro e o último; o único e o eterno (41.4; 43.10ss; 44.6; 48.2); o todo poderoso diante do qual as nações e os povos são como gafanhotos (40.22), como o pingo que cai no balde ou o grão de pó na balança, isto é, não representam nada (40.15-17). Portanto, criatura alguma pode pedir contas a Deus sobre o seu governo no mundo (45.9-13).

Diante disso, o profeta não pode deixar de revelar a falsidade dos deuses babilônicos; eles não passam de pedaços de madeira e metal (40.19ss; 41.6-7; 46.5-7) que não podem fazer coisa alguma na história porque são menos do que nada (41.21-24). Por isso, é com extrema ironia que o Deutero-Isaías descreve a fabricação dos ídolos (44.9-20) e demonstra a sua nulidade e ineficácia (46.1s “vejam os deuses babilônicos, precisam ser carregados!”). Javé, ao contrário, é Senhor absoluto sobre a história: prevê os acontecimentos e os realiza (cf por exemplo 44.24-28; 46.8-13) – sua Palavra é eficaz (40.6-8; 55.10-11). Afinal, ele é o Único Deus (43.9-12; 44.6-8; 45.5-7, etc...). Assim, pela primeira vez na história de Israel, o **monoteísmo** apenas implícito nos profetas anteriores – é categórica e expressamente afirmado.

O Deutero-Isaías também é o primeiro a refletir amplamente e com uma frequência notável sobre a criação do mundo por Deus. A criação está sempre relacionada com a salvação e é considerada não como exibição de poder, mas como expressão do amor de Deus pelo ser humano e sobretudo por Israel cativo. O Deus que os criou também os libertará (cf 43.1: “Assim diz o Senhor, que te criou...: Não temas, porque eu te remi!”; 51.12-16 etc...).

Um outro aspecto no qual o Deutero-Isaías é um inovador é o **tom universal** de suas profecias. Antes dele nenhum outro profeta falara tão claramente sobre a salvação universal. Esta é consequência lógica de seu monoteísmo rigoroso: se Javé é o único Deus, então chegara o dia em que diante dEle “se dobrará todo joelho e jurará toda a língua” (45.23). Por isso, o profeta insiste em afirmar que o domínio de Javé seria universal e, até mesmo aguardava ansiosamente o tempo em que todas as nações reconheceriam Deus como o seu único Senhor (49.6; cf 42.1.6). Ele acreditava que perceberiam na reviravolta do curso da história a expressão do poder divino e, reconhecendo a loucura da idolatria, aceitariam o único Deus que pode salvar (45.14-25).

O Deutero-Isaías entretanto, não abre mão do papel de destaque único de Israel. Os pagãos, são salvos, somente “por e em Israel”. As nações apenas terão acesso a Javé pela Inserção e incorporação em Israel” (Steleman). Todo o povo de Israel coletivamente torna-se herdeiro das promessas feitas a Davi e, por isso, príncipe e governador dos povos (55.3-5).

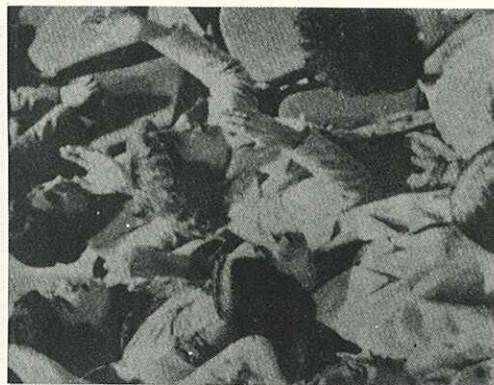
Merecem especial citação os “Cânticos do Servo de Javé” (42.1-7; 49.1-6; 50.4-9; 52.13-53.12). Os estudiosos discutem a respeito de quem estes cânticos (sobretudo o último) se referem. Seria ao povo de Israel ou ao personagem da história passada, presente ou mesmo futura? “A figura destes poemas é tão rica, profunda e ao mesmo tempo concreta e universal, que ela não se esgota nem no povo de Israel, nem nos maiores mediadores”. Seis séculos mais tarde aparecerá alguém, em quem uma comunidade renovada na fé há de reconhecer o autêntico “Servo de Javé” (do livro **O Tempo que se chama hoje**, Ed. Paulinas, pg. 156). A interpretação corajosa da fé em termos universais e grandiosos foi o antídoto necessário para fortalecer o ânimo do povo cativo. A mensagem do Deutero-Isaías tem lições preciosas para nós **HOJE**.

PARA REFLEXÃO

EM GRUPO:

- Profeta, um homem do seu tempo! Discutam em grupo como que as palavras dos profetas, sem perder sua mensagem, falavam de modo diferente às diferentes situações do povo.
- Percebam que, na caminhada do povo de Israel, nas suas vitórias e derrotas, erros e acertos... o povo vai descobrindo e conhecendo melhor o seu Deus. Um exemplo é a concepção do **monoteísmo**, que vai aos poucos sendo descoberta. Será que na caminhada do povo de Deus hoje, estamos descobrindo e conhecendo melhor a esse Deus. Deus de Israel, dos profetas e o nosso único Deus?

- Busquem atualizar a mensagem de consolo e advertência do profeta para as necessidades de sua comunidade, igreja, bairro, país.



Obadias

O Juízo Sobre Edom e o Dia de Javé Ageu

Os Difíceis Anos de Reconstrução

UMA ESTRUTURA DOS LIVROS DE OBADIAS E AGEU

Ob 1.4	Os pecados e o castigo de Edom
Ob 15-21	A restauração e felicidade de Israel
Ag 1.1-15	O povo atende a exortação do Senhor
Ag 2.1-9	A glória do segundo templo
Ag 2.10-14	Reprensão à infidelidade do povo
Ag 2.15-19	“Considerai...”
Ag 2.20-23	A promessa do Senhor

OBADIAS

QUEM FOI OBADIAS?

Obadias (ou Abdias) é o menor dos livros proféticos do Antigo Testamento (apenas 21 versículos). Sobre o profeta cujo nome significa “Servo de Javé” ou “Aquele que adora a Javé”, nada sabemos.

OS TEMPOS DE OBADIAS

Visto que não existe nenhuma referência a um acontecimento concreto, é difícil datar o livro de Obadias. É certo, porém, que ele foi escrito depois de 587 aC, quando o conflito tradicional entre Judá e Edom foi seriamente agravado, pois os edonitas, aproveitando-se da fraqueza de Jerusalém – destruída pelos babilônios – invadiram o ter-

ritório de Judá. Outras passagens da Bíblia refletem esse conflito (Lm 4.21-22; Sl 137.7; Ez 25.12; Is 35 e Jr 49.7-22; que são parciais aos versículos 2.10 de Obadias).

A MENSAGEM DE OBADIAS

A profecia de Obadias gira em torno do castigo de Edom e do triunfo de Israel no dia de Javé (1-14 e 15-21). Muito embora o espírito nacionalista de Obadias contraste violentamente com o universalismo do Deutero-Isaías, a sua mensagem fundamenta-se no domínio universal da Justiça de Javé.

AGEU

QUEM FOI AGEU?

Sobre este profeta não temos informações biográficas. Nem mesmo as passagens de Esdras 5.1; 6.14, onde se menciona a obra do profeta, nos esclarecem neste ponto. O seu nome que, aparentemente, não tem nenhuma relação com sua mensagem, pode significar "festivo" a "minha festa" ou "nascido em dia de festa". A ausência de referências pessoais, porém, são compensadas por anotações cronológicas precisas. Ageu exerceu seu ministério nos difíceis meses de setembro a dezembro do ano de 520 aC (cf 1.1; 2.1; 2.10; 2.20).

OS TEMPOS DE AGEU

A volta do exílio babilônico: – A atuação de Ageu, como dissemos, se deu num momento preciso do ano de 520 aC, isto é, 18 anos depois que Ciro permitira aos Judeus regressarem à sua pátria e reconstruírem o Templo. O retorno à Palestina não foi tão glorioso como previra o Deutero-Isaías. A maioria dos exilados, temendo as dificuldades da longa viagem de volta e gozando de uma situação economicamente estável, preferiu permanecer na Babilônia. Eles auxiliavam financeiramente a obra de reconstrução (cf Esdras 1.4-6), mas não se arriscavam a participar pessoalmente dela. Portanto, foi apenas um pequeno grupo que, animado por uma chama religiosa e uma esperança viva, empreendeu a viagem de volta à Jerusalém.

As dificuldades: – Entretanto, passado o entusiasmo dos momentos iniciais, as dificuldades enfrentadas apagaram a chama religiosa e transformaram a esperança em apatia e desânimo. O ambiente agreste e selvagem, o insucesso nas colheitas (Ag 1.6), a hostilidade da população local criaram uma atmosfera de indiferença e marasmo. Já se

fazia quase 20 anos que o primeiro grupo de exilados retornara e o Templo ainda permanecia em ruínas. O povo, por sua vez, se justificava dizendo que não havia chegado o tempo em que o Templo deveria ser reconstruído (1.2).

Revoltas no Império Persa: – Nesta época o Império Persa começou a enfrentar uma série de rebeliões. O sucessor de Ciro – um tal de Cambises – era um tirano cruel e muitas nações se revoltaram contra o seu governo. O seu sucessor, Dario, levará dois anos para normalizar a situação (522-520). Muito embora os judeus não tenham participado diretamente destes acontecimentos, as mudanças no cenário mundial contribuíram para avivar as esperanças do povo: essas reviravoltas não eram o sinal de que Deus interviria em auxílio de seu povo? A presença de Zorobabel – neto do rei Joaquim e, portanto, descendente de Davi – como governador de Judá, e do sacerdote Josué da dinastia sacerdotal dos saduceus, contribuiu ainda mais para reforçar as esperanças messiânicas no povo. Acreditava-se que estava chegando o dia da implantação definitiva do reinado de Javé. A questão era saber como Javé reinaria em Jerusalém com seu Templo por reconstruir. Dois profetas aproveitaram a ocasião para despertar o povo da sonolência e prepará-lo para o grande dia. Ageu e Zacarias (próximo estudo).

MENSAGEM DE AGEU

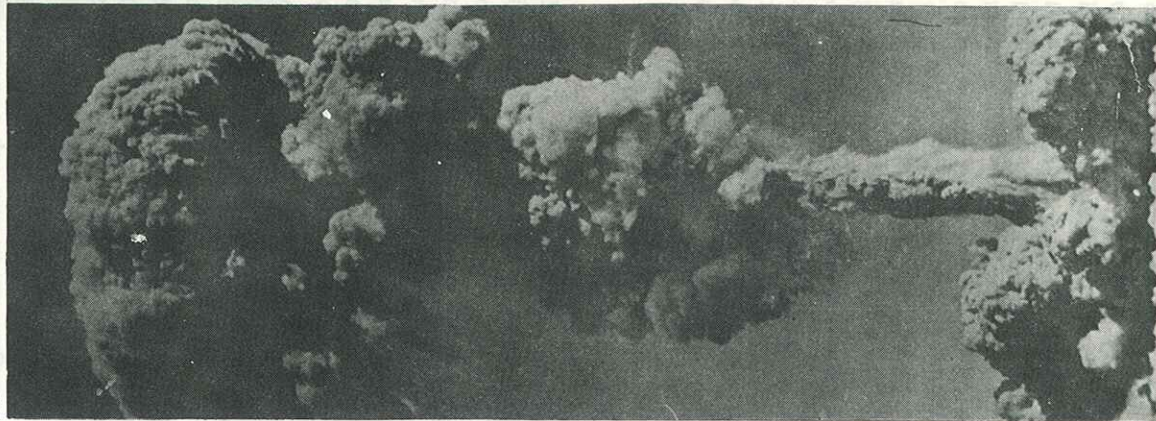
Quatro discursos compõem o conjunto do livro de Ageu. No primeiro discurso, Ageu lamenta o abandono do compromisso de reconstruir o Templo: o povo se preocupa mais com suas casas do que com a Casa do Senhor. As tristes condições materiais do país são reflexo dessa negligência (1.1-5). O segundo discurso contém uma palavra de encorajamento (2.1-9): se o novo Templo parece modesto em comparação com o santuário erguido por Salomão, isto não implica em inferioridade, pois para lá afluirá a riqueza de todos os povos e sua magnificência haveria de superar a do primeiro Templo. No terceiro discurso, Ageu depois de se dirigir aos sacerdotes indagando-os acerca da pureza ritual (2.10-14), exorta o povo a prosseguir na obra de reconstrução do Templo, com a promessa de que Deus os fartará com bens materiais (2.15-19). O último discurso se dirige a Zorobabel e tem um sentido messiânico. Enquanto as nações passarão por agitações políticas, Zorobabel, como descendente e herdeiro das promessas davídicas, será protegido (2.20-23). Concluindo: a pregação de Ageu gira em torno da reconstrução do Templo – a qual, segundo ele, daria início

a era messiânica com o cumprimento das promessas feitas a Davi na pessoa de Zorobabel.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- Encontramos nos dois profetas a preocupação do cumprimento da promessa do “Dia de Javé”, a preocupação do povo com o domínio universal de Israel sobre todos os povos. Só que, muitos estavam preocupados com suas “próprias casas”, ou seja, seus próprios interesses e não com a “Casa do Senhor”, que representa um interesse comunitário. Discutam sobre os grupos que se vê hoje buscando o “Dia de Javé” (ou seja, o fim do mundo), mas que vivem buscando apenas seus interesses pessoais, deixando os interesses gerais, comunitários de lado. Levantem os pontos positivos e os negativos destes grupos e atualizem a mensagem dos profetas para hoje.

- Em Esdras 1.4-6, encontramos, na volta do exílio, um grupo que estava disposto a participar financeiramente na reconstrução do Templo, mas não queriam se envolver pessoalmente e perder sua situação privilegiada. Vocês vêem pessoas que agem assim hoje. Como vocês apresentariam uma “palavra profética” a essas pessoas?



Zacarias

Visões da Restauração

UMA ESTRUTURA DA PRIMEIRA PARTE DO LIVRO DE ZACARIAS (1-8)

1.1-17

2.1-13

3.1-4,14

5.1-11

6.1-15

7.1-14

8.1-23

O Senhor está zelando por seu povo
Israel exortada a voltar para Sião

Harmonia entre o poder civil
e o poder religioso

Procura-se: sinceridade no louvor

O Renovo do Senhor

Procura-se: juízo verdadeiro, bondade e misericórdia

A restauração de Sião

QUEM FOI ZACARIAS?

O profeta Zacarias, cujo nome significa “Javé lembra-se”, foi contemporâneo de Ageu. Conhecemos o nome de seu pai e avô, respectivamente, Berequias e Ido (1.1; cf Ed 5.1; 6.14). Segundo Nee-mias 12.16, Zacarias era de descendência sacerdotal – provavelmente um profeta do culto. A sua preocupação com o Templo (1.16; 4.9; 6.12s), a importância que dá ao sacerdote Josué (tido como igual em autoridade a Zorobabel (3.7; 4.14), o seu interesse por questões rituais (7.1ss; 8.18s), parecem confirmar a sua origem sacerdotal. As freqüentes visões e a rica simbologia fazem igualmente de Zacarias um precursor do gênero apocalíptico.

OS TEMPOS DE ZACARIAS

O ministério profético de Zacarias iniciou-se dois meses depois da primeira pregação de Ageu e se estendeu por dois anos depois que este outro profeta silenciou-se. A sua mensagem compreende, portanto, os anos de 520-518 a.C. Sobre as condições políticas e religiosas dessa época, já se falou bastante no estudo anterior. O livro de Zacarias contém uma tão solene essas condições; país devastado, população definida (7.7), colheitas prejudicadas (8.10); vida moral precária (3.9; 7.4ss), ambiente de desconforto e impaciência (1.12), dissensões entre os repatriados (4.10; 8.10). Por outro lado, permanece a esperança de restauração.



A MENSAGEM DE ZACARIAS

Como era de se esperar, a mensagem de Zacarias assemelha-se à de Ageu. Sua pregação está igualmente ligada à reconstrução do Templo e a Zorobabel, o descendente de Davi a quem se atribui funções messiânicas na aurora de uma nova era.

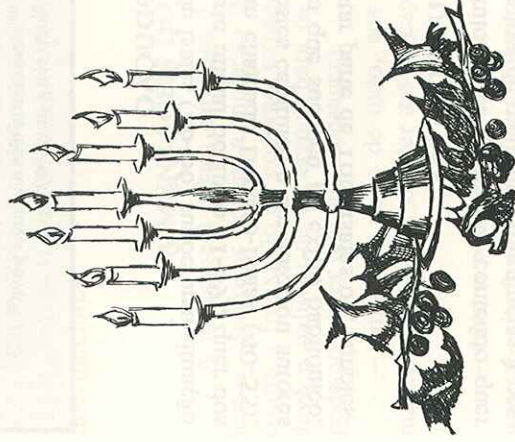
O livro inicia-se com um apelo à conversão citando o exemplo dos antepassados, antes impenitentes, depois arrependidos (1.1-6). A segunda parte do livro compõe-se das chamadas Visões Noturnas, onde o profeta assegura que tudo vai dar certo. A primeira visão mostra-nos mensageiros divinos que depois de percorrerem toda a terra certificam-se de que tudo está em paz (Dario, o monarca persa, dominou as rebeliões em seu império). Apesar disso, o anjo garante ao profeta que Deus está irritado contra as nações e que Jerusalém será consolada (1.7-15). Um oráculo que fala sobre a reconstrução do Templo confirma esta mensagem (1.16-17). Na 2ª visão descreve-se como os

quatro chifres – que representam as nações que dispersaram Judá – são dominados por quatro ferreiros – símbolo do julgamento de Deus (1.18-21). As muralhas não construídas da 3ª visão demonstram a grandiosidade de Jerusalém futura (2.1-5). Os versículos seguintes contêm um apelo aos exilados para retornarem e afirmam a participação dos pagãos na salvação definitiva de Deus (2.6-13). A 4ª visão mostra Josué, representando o povo, diante do tribunal divino onde obtém o perdão de Deus (3.1-7). A 5ª visão – do candelabro e das duas oliveiras – demonstra a harmonia dos poderes civil e religioso, nas pessoas de Zorobabel e Josué – “os dois ungidos” (4.1-6a – 10b-14). Os novos tempos serão fruto do Espírito de Deus e não da violência (cf 4.6). Enquanto a 6ª e 7ª visões descrevem a purificação de Judá de toda maldade e culpa, a 8ª reafirma o julgamento divino sobre a terra do norte (a Babilônia – 6.1-8). O capítulo 7 tem um ensino importante sobre o Jejum – que não consiste em abster-se de alimento mas na prática do amor aos necessitados e na obediência à Palavra de Deus. O capítulo 8 é uma coletânea de pequenos discursos que falam de Jerusalém restaurada.

Os capítulos 9 a 14 deverão ser estudados posteriormente, pois referem-se a uma outra época. Por ora, basta saber que a pregação de Ageu e Zacarias produziu um impacto violento na população de tal forma, que poucos anos depois, em 515 a.C. o Templo foi reconstruído.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- Zacarias encontrou uma linguagem diferente – a de visões – para chamar o povo à purificação, à reconstrução do Templo e à prática do amor na obediência à Palavra de Deus. Como vocês analisam a linguagem que nós usamos para chamar o povo de Deus à missão?
- Levantem algumas linguagens diferentes que podem servir para a proclamação da Palavra de Deus!



O Profeta

Conclama uma Fé Autêntica

O Trito Isaías

UMA ESTRUTURA DO TRITO-ISAÍAS (56-66)

56.1-57.2	Ai dos guias cegos de Israel
57.3-21	Idolatria, não; Arrependimento, sim
58.1-14	O jejum que o Senhor quer
50.1-21	Muitos pecados, porém uma aliança
60.1-61.11	As boas novas da salvação
62.1-64.12	"Certamente eles são meu povo"
65.1-66.24	Novo céu e nova terra

INTRODUÇÃO

Os capítulos finais do livro de Isaías (56-66) supõe uma situação inteiramente diferente, quer da parte inicial do livro (1-39), quer dos capítulos correspondentes ao assim chamado Deutero-Isaías (40-55). Por isso, os estudiosos atribuem estes capítulos a um autor ou autores anônimos que viveram no período que sucedeu ao exílio babilônico. Convencionou-se denominar-se esta parte de Trito-Isaías ou, simplesmente, Terceiro-Isaías.

PROFETA OU PROFETAS?

O aspecto variado dos capítulos quer quanto ao conteúdo quer quanto ao estilo e a ausência completa de quaisquer referências à pes-

soa do profeta, tem levado muitos estudiosos do Texto Bíblico a atribuírem esses capítulos a diversos profetas – verdadeiros discípulos do Deutero-Isaías.

OS TEMPOS DO TRITO-ISAÍAS

A mensagem do Trito-Isaías parece situar-se depois da atuação de Ageu e Zacarias e antes das reformas empreendidas por Esdras e Neemias, ou seja, entre os anos de 520 e 450 a.C. A leitura de **Is 55 a 66**, portanto, nos coloca novamente diante dos difíceis anos que se seguiram ao exílio. De fato, as lutas no interior da comunidade (66.5), a exploração social (58.1ss), as condições morais e religiosas precárias (57.3-13, 65.1-7), nos fazem pensar numa situação nada ideal. Eis um quadro dessa situação.

- O seu povo cai facilmente na idolatria: **57.3-13; 65.1-4**.
 - Suas práticas de culto não são como Deus as quer: **58; 66.1-4** (cf **66.1** o erro de supervalorizar o Templo).
 - As autoridades não se interessam pelo bem estar do povo: **56.10; 57.2**.
 - Nas entrelinhas, nota-se que o povo não acredita mais, como devia, em Deus e no seu poder salvador. **59.1-9**. (extraído de Grun, **O Tempo que se chama hoje**, ed. Paulinas, p. 180).
- Diante disso, se ouve a voz do profeta consciente de sua vocação (**58.1; 61.1-3**) que denuncia o pecado de seu povo na esperança de dias melhores.

A MENSAGEM DO TRITO-ISAÍAS

A mensagem destes capítulos é autenticamente profética: há protestos vigorosos contra a violação do direito e da justiça bem como contra a frouxidão do governo; existem conclamações à fé autêntica em Javé e palavra de esperança para os de coração contrito. Resumindo, podemos dizer que sua mensagem:

- dirige-se, antes de tudo, aos pobres e espezinhados para animá-los: **57.14-20; 61** (ler todo o capítulo dando destaque ao versículo 1).
- todo o povo é incitado ao culto verdadeiro (**56.2**) e a prática da justiça – para que o culto seja coerente: **56.1; 58; 59.3-14**;

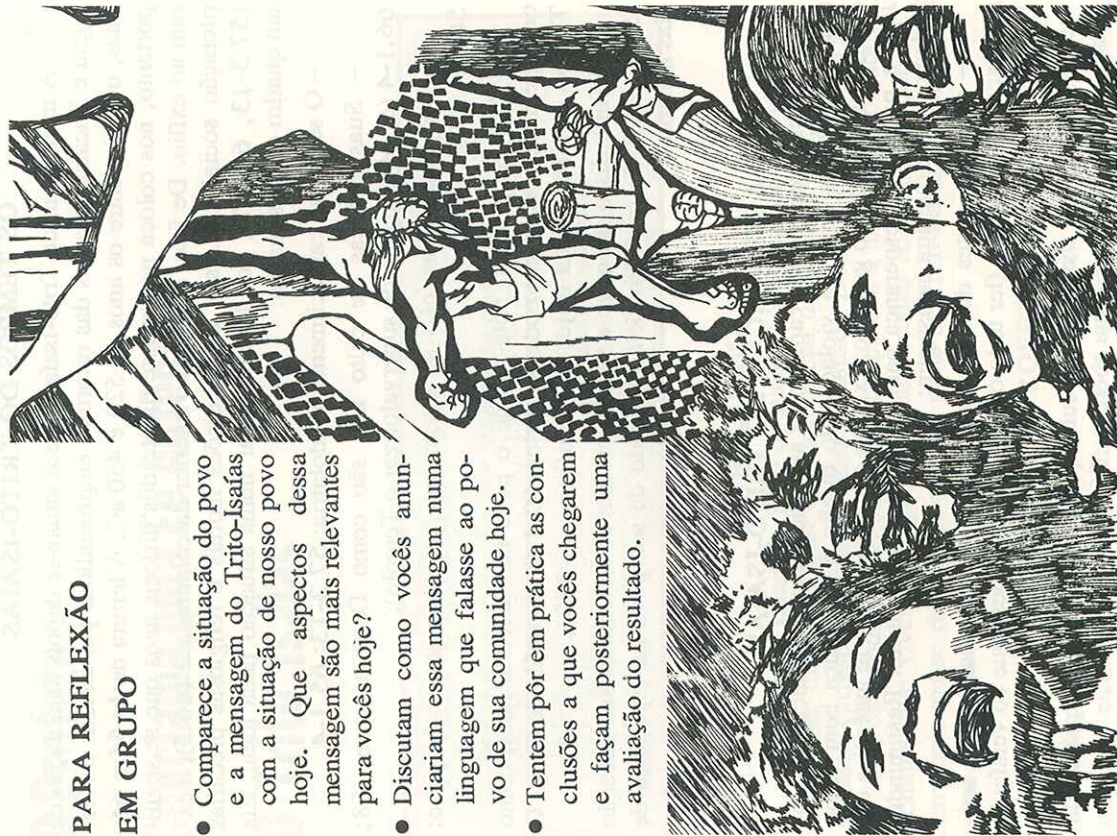
— bela a descrição da armadura especial de que Deus se revestirá para lutar: 59.1;

— a vitória final será de Deus, do bem: 60.14, 18, 21; 65.13-25; 66.18-24 (extraído do mesmo livro p. 181).

PARA REFLEXÃO

EM GRUPO

- Compare a situação do povo e a mensagem do Trito-Isaías com a situação de nosso povo hoje. Que aspectos dessa mensagem são mais relevantes para vocês hoje?
- Discutam como vocês anunciariam essa mensagem numa linguagem que falasse ao povo de sua comunidade hoje.
- Tentem pôr em prática as conclusões a que vocês chegaram e façam posteriormente uma avaliação do resultado.



Malaquias

O Profeta

Polêmico

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE MALAQUIAS

1.1-5	O amor de Deus por Jacó
1.6-2.9	Discussão e repreensão aos sacerdotes
2.10-6	Profanação do Matrimônio
2.17-3.5	Anúncio do Dia de Javé
3.6-12	A questão dos Dízimos
3.13-4.3	A prosperidade dos soberbos e a retribuição

QUEM FOI MALAQUIAS?

Ao que parece, estamos diante de um profeta anônimo pois Malaquias não é exatamente um nome próprio mas foi tirado do **versículo 3.1** e significa "Meu Mensageiro". Em todo o livro não encontramos referência alguma sobre a sua pessoa, muito embora possamos inferir alguns traços de seu caráter. O profeta é um ardente patriota, intimamente afeiçoado ao Templo, ao culto e ao povo; tem aversão aos inimigos de Israel, sobretudo Edom (1.2-5); seu ideal é alimento pelo ensinamento dos grandes profetas (3.5) e, por fim, pretende acender em seu povo a chama da fé e da confiança nas promessas de Deus (cf Ballarim, p.181).

OS TEMPOS DE MALAQUIAS

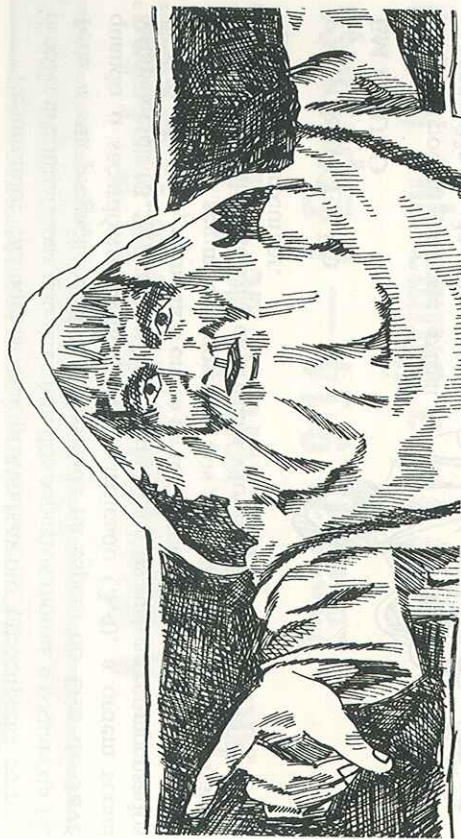
A profecia de Malaquias se deu depois da reconstrução do Templo (515 aC) e antes da reforma levada a cabo por Esdras e Neemias (450 aC) e, ao que tudo indica, bem próxima desta última data. A situação enfrentada por Malaquias não era a das melhores.

Indiferença e frouxidão religiosa: O ânimo que a pregação de Ageu e Zacarias imprimiu na comunidade desapareceu tão logo as esperanças dos judeus pelo restabelecimento da dinastia davídica sucumbiu. Afinal, era esperado que a reconstrução do Templo iria dar início a uma nova era na história da salvação. Os novos tempos, porém, não vieram. Pelo contrário, as fracas colheitas, as intrigas no interior da comunidade e as dificuldades naturais pareciam indicar que o povo estava longe de uma “idade de ouro”. Tudo isto contribuiu para gerar uma certa apatia e indiferença religiosa.

Conseqüentemente, todos os setores da vida foram corroídos pelo RELAXAMENTO. No culto, se oferecia material de “segunda” e animais mais coxos e doentes para o sacrifício (1.7-8; 1.13s). Os dízimos e as ofertas não eram trazidos ao Templo como ordenava a Lei (3.7-10; cf Lv 27.30-32; Dt 14.22-28). Os próprios sacerdotes perderam sua dignidade especial ao se afastarem dos ideais de sua ordem, induzindo, com seu mau exemplo, muita gente ao erro (2.5-9). Também eles ofertavam vítimas defeituosas e cumpriam com desprezo o seu ministério (“que canseira”, 1.13).

Ceticismo: Ao que parece, essa situação tem sua origem no fato de que o povo não cria mais em Deus como devia. Duvidava-se de Seu amor para com o povo (1.2) e perguntava-se até mesmo sobre o proveito de servi-lo (3.14s). Por fim, ouve-se homens piedosos dizendo, em suas angústias, “Onde está o Deus do Juízo?” (2.17).

Corrupção Social: Religiosidade falsa caminha de mãos dadas com a exploração social. Por isso, o baixo nível religioso da época de Malaquias vai refletir na vida da sociedade. Muitos judeus influentes, para ganhar o prestígio dos estrangeiros, chegavam a repudiar suas esposas casando-se com mulheres pagãs, apesar do risco que isto representava para a pureza da fé (2.10-16). Ademais, nota-se a presença desumana da **exploração** do assalariados, da opressão iníqua aos indefesos (órfãos e viúvas) e da injustiça aos estrangeiros (3.5).



A MENSAGEM DE MALAQUIAS

O livro de Malaquias dá a impressão de um grande debate (diálogo) onde o povo e o profeta se confrontam e onde este último denuncia com todo o vigor esta situação lamentável. Ele interpreta e questiona todo o povo. Ninguém lhe escapa. Alguém disse que este livro assemelha-se a “uma entrevista coletiva” onde se topa com qualquer pergunta. De fato, a cada versículo que se lê, percebe-se o caráter polêmico de sua mensagem. Por isso todos os discursos obedecem o segundo esquema.

1. Inicia-se o diálogo com uma afirmação do profeta ou de Javé.
2. Depois alguém questiona a validade da afirmação (conte quantas vezes aparece, em todo livro, a expressão “vós dizeis”, “e direis” 12.1.6).
3. Uma vez discutida a questão, reafirma-se, finalmente, o que foi dito no início.

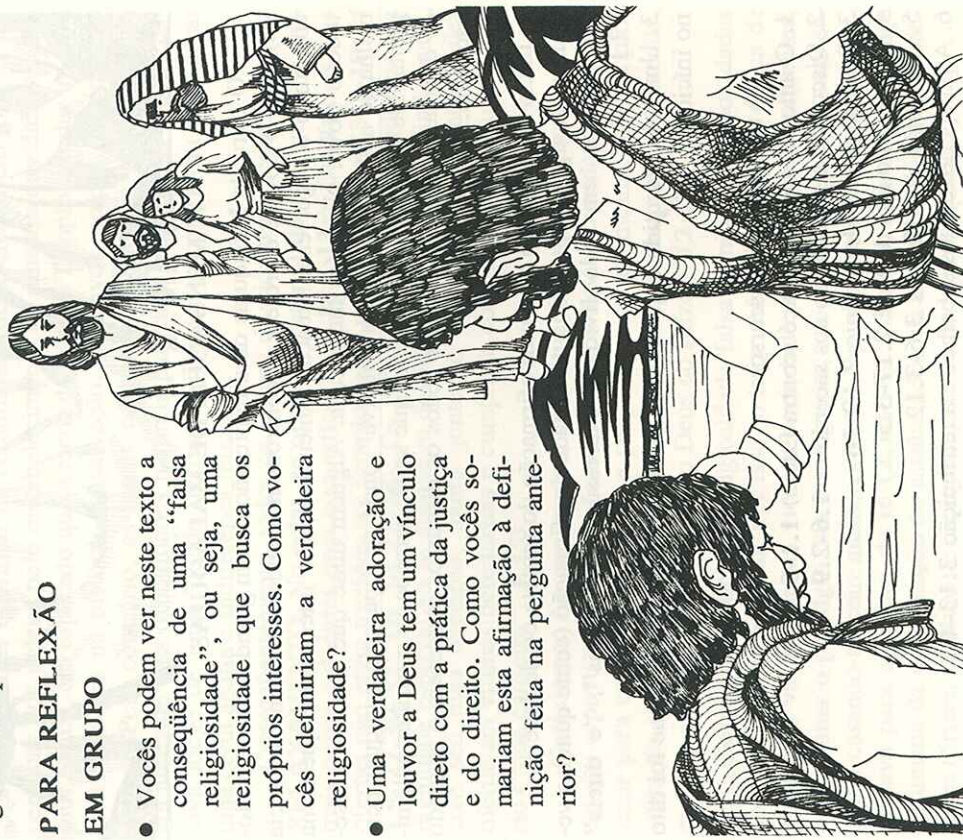
Ao todo são seis discursos:

1. O amor de Deus por Jacó (contra Edom) 1.1-5
2. Discussão e repreensão aos sacerdotes 1.6-2.9
3. Profanação do Matrimônio 2.10-16
4. Anúncio do Dia de Javé 2.17-3.5
5. A questão dos dízimos 3.6-3.12
6. A prosperidade dos soberbos e a retribuição 3.13-4.3

Resumindo: Malaquias está profundamente preocupado com o problema cultural, mas não descuida dos aspectos morais e sociais da fé. Toda a sua pregação está fundamentada na espera do **Dia de Javé** quando o sacerdócio levítico seria purificado (3.4), a ordem social restabelecida (3.5), os soberbos castigados e os justos recompensados (4.1-3). Por isso, anuncia o envio de um precursor que deve preparar a vinda de Javé, segundo o costume dos reis orientais (3.1). Cerca de quatrocentos anos depois, os cristãos vão reconhecer em João Batista a figura desse precursor.

PARA REFLEXÃO EM GRUPO

- Vocês podem ver neste texto a consequência de uma "falsa religiosidade", ou seja, uma religiosidade que busca os próprios interesses. Como vocês definiriam a verdadeira religiosidade?
- Uma verdadeira adoração e louvor a Deus tem um vínculo direto com a prática da justiça e do direito. Como vocêsariam esta afirmação à definição feita na pergunta anterior?



A Mensagem de Três Profetas:

Joel — Um Exército de Gafanhotos

Zacarias 9-14 — A Esperança

é a Última que Morre

Jonas — Deus é Diferente

ESTRUTURA DOS LIVROS DE JOEL, ZACARIAS (9-14) E JONAS

JOEL

1 - A Praga de Gafanhotos
1.2-2.17
2.18-27

I - Liturgia de Lamentação e Súplica
II - Resposta de Javé

2 - Nova Era e o Dia de Javé - 3.1-4.21

3.1-5
4.1-17
4.18-21

I - Efusão do Espírito
II - Julgamento dos povos
III - A Era Paradisíaca e a Restauração de Israel

ZACARIAS (9-14) - DEUTERO-ZACARIAS

9.1-17
10.1-11.17
12.1-13.9
14.1-21

A Nova Terra
A Fidelidade de Javé
Libertação e Renovação de Jerusalém
O Combate Escatológico e o
Esplendor de Jerusalém

JONAS

1.1-16
2.1-3.10
4.1-11

A Missão e a Rebelião
Reabilitação e Perdão
Desgosto do Projeto e a Resposta Divina

INTRODUÇÃO - NO FIM DE UMA ERA DOS PROFETAS

Alexandre, o Grande: Judá esteve sob o domínio de vários impérios: Egípcio, Babilônico e Persa. Este último durou dois séculos. Agora, nos fins do século IV, um novo fato abalará todo o Oriente Médio e modificará profundamente a sua história. Trata-se do aparecimento do jovem e bravo imperador da Macedônia: Alexandre, o Grande. Em poucos anos, ele estará à frente do maior império então conhecido. A batalha de Isso, em 333 aC, onde derrotou o principal exército persa, lhe abrirá as portas para a conquista do Oriente. Todos lhe submetem: Judá, o Egito (332); a Babilônia, Susa e Persépolis (331). Diz a lenda que, quando Alexandre chegou a Indo (325 aC), chorou porque não havia mais terras para conquistar (na realidade, seus exércitos recusaram-se a avançar). Alexandre morreu com apenas 33 anos em 323 aC.

Importância de Alexandre: Alexandre deixou atrás de si uma enorme obra. Não somente conquistou um grande império mas também difundiu a cultura grega e possibilitou o surgimento de uma língua comum – o Koiné, grego popular – a qual seria utilizada na tradução do Antigo Testamento (Versão dos LXX – “versão dos setenta”) e na escrita do Novo Testamento. Isto permitiu que o mundo pagão entrasse em contato com o judaísmo e, deste modo, preparou o caminho para a revelação máxima de Deus em Jesus Cristo.

O Império se divide: Logo após a morte de Alexandre, os seus generais lutam pelo poder. Seleuco governa a Síria e a Mesopotâmia e Ptolomeu torna-se senhor do Egito. Entre eles está Judá. Somente depois de vinte anos a situação se define: Judá passa para o domínio dos ptolomeus e assim ficará por mais de um século (de 301 a 197 aC).

Durante estes acontecimentos (talvez antes) dois profetas se fazem ouvir: Joel e o chamado Deutero-Zacarias (Zacarias 9-14).

JOEL

QUEM FOI JOEL?

Nenhuma informação explícita nos é dada a respeito deste profeta, exceto o seu nome, que significa “Javé é Deus”, e o de seu pai Pe-tuel (1.1). Ele se dirige unicamente aos habitantes de Judá (2.1, 15, 23; 3.1, 6, 8, 20) e ao que parece, era natural de Jerusalém. De-

monstra um vivo interesse pelo Templo (2.1; 4.17), pelos sacrifícios rituais (1.9, 18; 2.14) e pelos sacerdotes, os quais trata com muito respeito (1.13; 2.17).

OS TEMPOS DE JOEL

Não existe nenhuma referência a fatos históricos conhecidos – o que torna difícil estabelecer uma data precisa a este livro. Em 4.3-4 se pressupõe uma união comercial entre Tiro e Sidom bem como entre as cidades filistéias – o que nos leva para os fins do domínio persa. Por outro lado, a sóbria menção aos gregos (3.6) nos faz pensar que ele foi escrito antes das conquistas de Alexandre. Concluindo: devemos atribuir esta obra ao século IV, antes porém, do ano 330 aC. Podemos deduzir pelo conteúdo do livro, que a pregação de Joel se deu por ocasião de uma terrível, praga de gafanhotos, os quais destruíram toda a lavoura trazendo a fome geral (1.17ss) e impedindo o sacrifício cotidiano no Templo (1.9; 1.13).

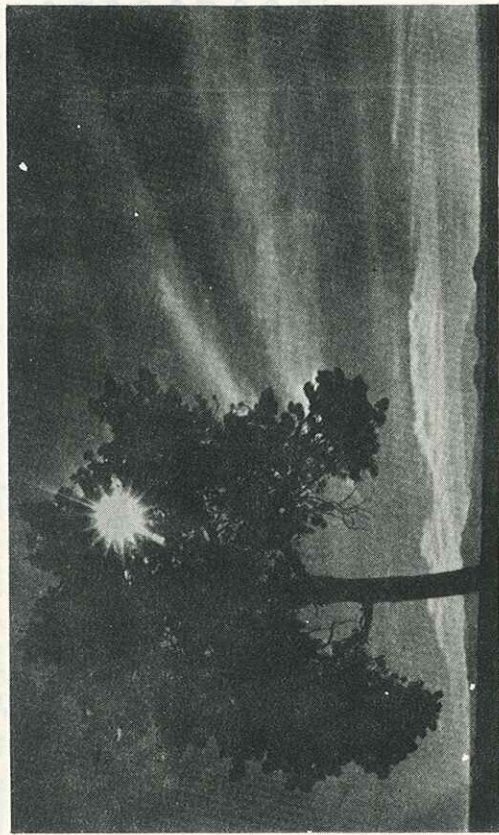
A MENSAGEM DE JOEL

O livro de Joel divide-se claramente em duas partes:

– Na primeira parte (1.1-2.27), o profeta descreve minuciosamente o sofrimento do povo causado pela invasão de gafanhotos ora comparados com uma nação e um povo (1.6; 2.2,5); ora retratados como um verdadeiro exército (2.11,25). Diante disso, Joel exorta o povo e todos os sacerdotes a proclamarem um dia oficial de Jejum e a lamentarem o acontecimento, elevando orações a Deus. O capítulo 2 dá a continuidade à descrição da praga dos gafanhotos os quais apareceram liderados pelo próprio Deus para punir o seu povo dos pecados (2.1-11). O povo, contudo, manifesta o seu arrependimento (2.12-17) e Deus concede a seu favor (2.19-27).

– A segunda parte (3.1-4.21) tem um colorido fortemente apocalíptico. Depois de referir-se à efusão do Espírito em todos os habitantes de Judá num quadro de prodígios terrestres e celestes (2.28-32), o profeta afirma que as nações serão julgadas no Vale de Josafá (quer quer dizer “Javé, Julga”) por seus crimes sociais e políticos contra Judá. Aqui se inverte o lema de paz de Isaias (Is 2.4, 11.6): “forjais espadas das vossas relhas de arado e lanças de vossas podadeiras” (3.10). Por fim, virão tempos de paz e prosperidade para Judá (3.18-21).

Concluindo: o universalismo presente no livro de Deutero-Isaías não encontra eco algum em Joel – preocupado apenas com os limites estreitos de Judá. Entretanto, ele traz uma nota nova: a efusão do Espírito na era messiânica (2.28-32), a qual é lembrada por Pedro no dia de Pentecostes (At 2.16-21).



ZACARIAS (9-14)

QUEM FOI O DEUTERO-ZACARIAS?

A única afirmação segura que se pode fazer a respeito destes capítulos é que eles não provêm do mesmo profeta que escreveu os primeiros oito capítulos. Existem profundas diferenças entre as duas partes. Enquanto a primeira parte é conscientemente atribuída à Zacarias e se desenvolve na época do governador Zorobabel e do sumo-sacerdote Josué em torno da reconstrução do Templo e da esperança messiânica, a segunda parte é anônima (cf 9.1; 12.12.1) e não tem indicações cronológicas precisas. As visões tão abundantes na primeira parte, certamente, na segunda, a trechos escatológicos, isto é, que expressam esperança na salvação definitiva de Deus. Portanto, devemos atribuir estas páginas a um autor (ou autores anônimos) o(s) qual(uais), chamaremos pelo nome de Deutero-Zacarias (ou Segundo-Zacarias).

OS TEMPOS DO SEGUNDO-ZACARIAS

É difícil datarmos estes capítulos com precisão. Ao que parece, ele não teve a sua redação definitiva antes de Alexandre, o Grande, conquistar o seu Império: os versículos 9.1-8 parecem descrever a sua campanha vitoriosa por Judá e, em 9.13, existe uma referência explícita a Grécia. Portanto, Zacarias 9-14, situa-se bem nos fins do século IV (depois de 330 aC) e início do século III.

A MENSAGEM DO DEUTERO-ZACARIAS

Zacarias de 9 a 14 é importante sobretudo pela mensagem de esperança que transmitiu aos seus contemporâneos. De variadas formas e sempre com novas imagens, o profeta descreve a luta final dos povos contra Jerusalém e expressa a sua confiança absoluta na vitória que se traduz não somente no triunfo político mas também religioso: as nações que restaram afluirão para Jerusalém e celebrarão a “festa dos tabernáculos” (14.16). O Deutero-Zacarias expressa, portanto, à sua maneira o universalismo, ou seja, de modo legalista e levítico, pois se uma nação se recusar a render homenagens desabará sobre ela os castigos divinos (14.17-19). De particular interesse são os trechos citados no Novo Testamento: a vinda do Messias pobre e humilde (9.9-10); o anúncio do misterioso personagem transpassado (12.10-14); a parábola do bom pastor (11.4-17); a morte do bom pastor (13.7.9).

JONAS

CARÁTER PECULIAR DO LIVRO DE JONAS

Quem quer que leia o livro de Jonas nota que ele difere inteiramente dos demais livros proféticos. De fato, ele não contém oráculos ou pregações, como se deveria esperar, mas consiste na narração da história de um profeta que se subtrai da missão divina. Entretanto, não se trata de uma narrativa com interesse histórico-biográfico pois estão ausentes uma série de elementos comuns neste gênero. Por exemplo, não se menciona a cidade Natal de Jonas; o rei de Judá; o lugar onde foi lançado; o nome do rei de Nínive; as indicações geográficas não são precisas: Nínive é apresentada com proporções gigantescas (o que prova que a capital Assíria era apenas uma vaga lembrança na memória do autor). De tudo isto se conclui que o livro de Jonas é uma parábola, um rama cujo objetivo é discutir problemas tremendamente sérios para

a vida de sua comunidade. O interesse de Jonas não é relatar uma história do passado. A sua preocupação é com o presente, ou seja, “personagens e cidades do presente é que deverão ser reconhecidos na narração”. Por isso, é extremamente importante indagarmos a ocasião que provocou o protesto neste livrinho.

CONTEXTO NO QUAL SURTIU O LIVRO DE JONAS

Hoje, não existe dúvida alguma sobre o fato de que a mensagem de Jonas tem um endereço certo: os judeus que viveram no século V ou IV aC. Depois do exílio, Judá – perdida a autonomia política (deixou de ser nação) – se caracterizou cada vez mais como uma comunidade religiosa, isto é, dedicada ao culto, ao ritual e ao sacerdócio. Acontece que o povo se julgava o “restante escolhido de Israel” ao qual Deus manifestaria a sua salvação. Isto acabou, por fim, conduzindo-os a uma linha fortemente exclusivista, ou seja, os judeus fecharam-se em torno de si mesmos e de seus problemas recusando tudo aquilo que fosse estrangeiro.

Na época de Esdras e Neemias, esta tendência atingirá o seu ponto máximo com a exigência de se abandonar as esposas e filhos estrangeiros (cf *Esdras* 9.1-2; 10.1; *Neemias* 13.23ss) e com o impedimento de acesso ao Templo a todo aquele que não fosse judeu (*Neemias* 13.1-9). O universalismo incansavelmente anunciado no exílio pelo Deutero-Isaías não fincou raízes na mente do povo: eles já não compreendiam – em sua plenitude – que Deus é rico em misericórdia (*Jonas* 4.2) “pois eles pensam que sua misericórdia termina lá onde as quatro paredes da casa de seus encontros piedosos e os muros da cidade santa terminam” (H. W. Wolff, pg. 25). É contra essa mentalidade estreita, desumana e destituída de amor, que o livro de Jonas protesta.

A HISTÓRIA DE JONAS

Com o objetivo de condenar a mentalidade estreita dos judeus de sua época, o autor deste livrinho não argumenta logicamente com afirmações morais ou doutrinares, mas compõe um drama, uma parábola – onde os leitores deveriam se identificar com os personagens. Escolhe como figura principal um profeta do passado cuja vida não é muito conhecida (veja *II Reis* 14.25). Determina os demais personagens e monta um cenário. O drama está pronto para ser apresentado e apreciado.



O profeta é enviado a Nínive (Oriente) e, sem que explique os seus motivos, toma o rumo oposto e parte para Társis (Ocidente). No navio, uma tempestade toma-o de surpresa: Jonas é lançado ao mar, engolido por um “grande peixe”, onde permanece três dias e três noites. Novamente em terra, o profeta se dirige a Nínive onde prega a condenação da cidade e depois se retira aguardando o resultado. Os habitantes, no entanto, se arrependem publicamente e Deus poupa a cidade. Jonas, então, se enraivece e justifica a razão de sua fuga: “eu sabia que és deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, é que te arrependes do mal (4.2). Jonas não pode admitir que Deus se tenha mostrado clemente aos pagãos – principalmente aos assírios, estes tirânicos tão odiados em Israel.

Para acalmá-lo, Deus faz crescer uma árvore, à sombra da qual Jonas descansa. Chegando, porém, o dia seguinte, Deus ordena a um verme que destrua a planta. Isto faz com que, em pleno sol causticante do deserto, Jonas se lamenta e peça a própria morte ao que Deus, finalmente, o interpela: “tiveste compaixão da planta que não te custou trabalho algum, e eu não terei compaixão desta grande cidade?” (4.10-11). A história encerra aí nessa pergunta. Não se diz nada sobre a atitude de Jonas depois disso. Também não interessa: o que é importante é a atitude que os contemporâneos do autor – ou seja, os judeus de mentalidade estreita – vão tomar Deus é diferente do que Jonas (e aqueles que ele representa) pensa.

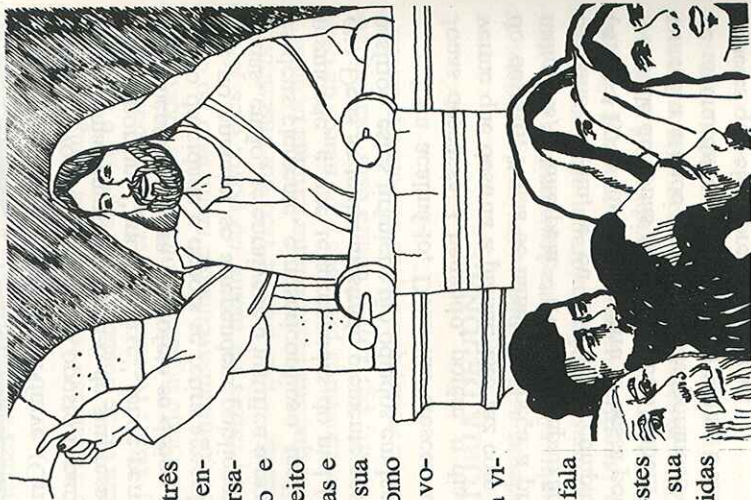
É interessante notar que a figura de Jonas – o único que tem o Deus verdadeiro e, no entanto, é teimoso, azedo e chato – contrasta com os pagãos quer sejam marinheiros, que tudo fazem para aliviar o navio sem tocar em Jonas, quer sejam os nivitas que, a despeito da má vontade de Jonas, se convertem com “total disponibilidade”.

A MENSAGEM DE JONAS

Jonas é uma parábola, e uma parábola é como uma mina de onde se tiram tesouros inumeráveis. Por isso, jamais poderemos esgotar as mensagens contidas neste livrinho. Não podemos nos esquecer no entanto, de citar alguns aspectos importantes: o universalismo; O Amor de Deus que atinge a todos; a eficácia da Palavra de Deus, onde suas intenções alcançam o seu objetivo, haja o que houver. Enfim, “com seu estilo joco-sério, o livro de Jonas denuncia uma mentalidade que pretende ser religiosa quando é apenas tacanha” (Gruen, p. 213)

PARA REFLEXÃO EM GRUPO

- Vocês puderam conhecer três profetas que mesmo com enfoques antagônicos (universalismo), vão acrescentando e compondo o nosso conceito de Deus. Mesmo com idéias e maneiras de proclamar sua mensagem, Deus os usa como mensageiros Seus. O que vocês acham disso?
- Que lição isso traz à nossa vida hoje?
- E a lição de Jonas? Ele fala algo a nós hoje?
- Atualizem a mensagem destes profetas para a vida de sua igreja e para as suas vidas hoje.



Daniel

A Vitória de Deus na História

UMA ESTRUTURA DO LIVRO DE DANIEL

1.1-2.49	A educação de Daniel e seus companheiros
3.1-4.37	A perseverança e a coragem dos companheiros de Daniel
5.1-6.29	A perseverança e a coragem de Daniel
7.1-8.27	Visões de fé
9.1-27	Uma oração pelo povo
10.1-11.39	Daniel é fortalecido na fé
11.40-12.13	A vitória final pertence a Deus

CONTEXTO HISTÓRICO

Sob o domínio dos Selêucidas: Vimos anteriormente que depois da morte de Alexandre (333 aC), o seu grande império foi dividido entre quatro generais, cabendo o domínio do Egito e de Judá aos Ptolomeus. Entretanto, os selêucidas (que governaram na Babilônia) nunca se conformaram com a perda de Judá, julgando-a como um verdadeiro “roubo”. Inúmeras lutas e conflitos seriam travados até que, um século depois, em 198 aC; Antioco III destroçaria o exército egípcio reconquistando Judá. Os judeus ansiosos por verem a guerra acabar, pois muitos sofreram com ela, receberam com certa satisfação a mudança. Antioco, por sua vez, favoreceu-os dando-lhes o direito de

viverem segundo as suas leis e garantindo-lhes alguns privilégios como, por exemplo, isenção de taxas para o clero.

Crise no Império Selêucida: Os sucessos militares, subiram a cabeça de Antioco III e ele chegou a desafiar o poderio romano. Suas tentativas, porém, fracassaram e ele se viu obrigado a submeter-se às exigências de Roma (cf Dn 11.18). Ameaçado por Roma e em graves dificuldades financeiras, o império selêucida mostrava sinais visíveis de **decadência**. Por um tempo, Seleuco IV, sucessor e filho de antioco III, procurará amenizar a situação, utilizando-se de todos os meios inclusive tentando se apoderar do tesouro do Templo de Jerusalém, mas sem êxito algum. Tempos difíceis começavam a ameaçar a relativa tranquilidade dos judeus. Assassinado Seleuco IV (Dn 11.20) subirá ao trono o seu irmão Antioco IV – o qual acabaria por mover uma sangrenta perseguição aos judeus – confirmando os maus prenúncios.

As perseguições de Antioco IV: Atormentado pelas dificuldades financeiras, preocupado com a falta de unidade de seu Império, ciente da ameaça de uma rebelião em todos os lados, temeroso de Roma que revelava um certo interesse pelas terras orientais, Antioco IV desenvolveu uma política buscando fortalecer a sua autoridade e recuperar a estabilidade perdida. Sua ação tomará duas direções:

1. O apuro econômico o levará a cobiçar qualquer fonte de rendimento, inclusive os tesouros dos Templos;
2. Visando a unificação do império, vai implantar uma política de promoção da cultura e religião grega, isto é, o helenismo. Isto implicava na adoração de Zeus e outros deuses gregos e até o próprio Antioco IV que chamava a si mesmo Epifanes – que quer dizer o “deus manifesto”. Evidentemente tal política provocou uma oposição ferrenha dos judeus fiéis à fé de seus pais.

Sendo a fronteira Judá importante na defesa do Estado, Antioco “Epifanes” IV tenta, através de pressões político-religiosas, minar a resistência dos judeus. Aliás, muitos deles se deixam levar e até colaboram com as intenções de antioco IV. O sumo-sacerdote Onias é substituído por Jasão, da confiança do governo, e este por Menelau – ainda mais liberal. Uma campanha militar contra o Egito é assessorada financeiramente pelo tesouro do Templo – e isto com a permissão do sacerdote!

A situação se agrava quando Jasão, animado pelo boato de que Antioco havia sido derrotado no Egito, invade Jerusalém com um pe-

queno exército e toma o poder. Antioco logo reestabelece a sua autoridade, mas Jerusalém é invadida por uma tropa de ocupação e assiste um verdadeiro massacre de seu povo inocente. De agora em diante, a cidade santa será forçada a suportar a presença de uma guarnição militar estrangeira que junto com um grupo de pagãos e outro de judeus re-negados formam uma pequena cidade ao lado de Jerusalém.

A violência atingirá o seu ponto máximo quando, em 167 aC, Antioco IV anular os privilégios concedidos aos judeus por seu pai e proibir, com pena de morte, a prática do judaísmo: a observância do sábado, das festas tradicionais, dos sacrifícios da circuncisão, etc... Muitos exemplares da Lei (livro da Lei) foram destruídos: altares pagãos foram construídos; e os judeus forçados a se servirem de alimentos tidos como impuros. Em dezembro deste mesmo ano, um fato provocará tremendamente a ira dos judeus: um porco será oferecido ao deus grego Zeus em pleno altar do Templo de Jerusalém!

Diante disso, a atitude dos judeus é uma só: RESISTIR. Alguns fogem para o deserto, muitos são barbaramente martirizados, e outros, ainda, se vêem impelidos a resistirem pela força das armas (revolta dos Macabeus). O núcleo de resistência é composto, sobretudo, pelos **hasidim** ou **hassideus** (os puros, piedosos, os leais) que na época de Jesus formarão o partido religioso dos fariseus (os separados).



FINALIDADE DO LIVRO

Não existe dúvida alguma que foi nesta conturbada época de perseguição, pouco depois da profanação do Templo, isto é, por volta de 160-165 aC que o livro de Daniel foi escrito – certamente dentro deste grupo do qual acabamos de falar – os hassideus.

Sendo assim, “o seu objetivo, não é informar sobre a conduta de um grupo de israelitas, do exílio mas sugerir um comportamento moral e religioso aos seus contemporâneos que vivem em condições mais difíceis que a dos exilados” (Ballarini, *Introdução à Bfblia*, ed. *Vozes*, II/4 p. 223). Em outras palavras, o seu interesse não está no passado, na longínqua Babilônia, mas no presente onde os seus contemporâneos devem resistir corajosamente. Na verdade, Daniel é um “escrito clandestino de protesto e de resistência” (Gruen, *O Tempo que se chama hoje*, EP, p. 247). O seu objetivo é um só: confortar, encorajar e fortalecer a fé e a esperança dos judeus perseguidos por Antioco Epifanes. Para este fim servem tanto as narrativas sobre Daniel e seus amigos (Cap. 1 a 6) como o apocalipse da parte final (Cap. 7 a 12).

Nada em todo o livro contradiz estas afirmações. O fato das narrativas serem enquadradas na época do exílio babilônico não prova coisa alguma, pois é próprio do gênero literário que caracteriza a primeira parte de Daniel – Midrax – transmitir idéias novas utilizando-se de quadro e situações antigas. Além disso, existem imprecisões e incoerências de ordem histórica. Citamos alguns exemplos:

1. Em Daniel 1.1 se diz que Nabucodonosor sitiou Jerusalém no 3º ano do rei Jeoaquim de Judá, ao passo que Jeremias que assistiu de perto a estes acontecimentos os coloca no 4º ano do mesmo rei (cf Jr 25.1; 36.9).
2. Baltazar nunca recebeu o título de rei (5.1) e tão pouco era filho de Nabucodonosor (5.11).
3. “Dario, o medo” é um personagem desconhecido da história e não há lugar para ele entre o último rei da Babilônia e Ciro “o persa”.
4. A menção das 120 sátrapas no reino persa é um exagero literário pois na realidade elas não passavam de 30.
5. Orar voltado para Jerusalém (6.10), só se torna um costume algum tempo depois de voltarem do exílio. Na época do exílio não existia.

6. Os instrumentos da orquestra de Nabucodonosor (3.5) são descritos com termos gregos – o que pressupõe o período de helenização da Palestina.

7. Além do mais, “o empenho para educar no paganismo jovens israelitas e a obstinação contra o seu puritanismo corresponde à campanha de Antioco Epifanes contra a Lei de Moisés, particularmente quanto a interdição de alimentos, e não ao exílio babilônico, onde se sabe os judeus gozaram liberdade religiosa.

Por outro lado, as visões da parte final (7-12) confirmam o contexto histórico acima descrito. Por exemplo:

1. Os quatro animais (cap 7.1ss) representam os quatro impérios que, sucessivamente, dominaram a Palestina (babilônico, persa, Alexandre, sucessores).

A atenção do autor concentra-se, sobretudo, no quatro animal, particularmente no pequeno chifre (símbolo do poder) o qual falará com insolência e moverá perseguição contra os santos procurando mudar os “tempos e a lei” (7.7-8; 7.19-25). A descrição não admite dúvidas – trata-se de Antioco Epifanes.

2. O simbolismo do capítulo é ainda mais claro. O carneiro de dois chifres representa a coalizão dos impérios medo-persa (8.20) que será desbaratada pelo bode que vem do Ocidente – ou seja – Alexandre, o Grande (8.21). Quebrando-se o chifre do bode (morte de Alexandre) surgirão quatro chifres menores (generais sucessores de Alexandre – 8.22). Novamente é o 4º chifre que detém o centro dos interesses: é ele quem tenta ergue-se contra o próprio Deus eliminando o sacrifício cotidiano (8.10). Tais características não podem ser atribuídas a nenhum outro rei que não Antioco Epifanes, IV (veja ainda 8.23ss).

3. A “profecia” das setenta semanas nos leva na mesma direção. Também aqui se fala de um “príncipe” que impedirá o sacrifício e as ofertas de manjares (9.28-27).

4. A última visão (11.1-12.13) é a mais detalhada e explícita. Ela descreve minuciosamente as relações entre o reino do sul (ptolomeus) e o reino do norte (selêucidas) lembrando até mesmo os enlaces matrimoniais entre as duas dinastias. Por fim fala-se de “homem vil” do reino norte (11.21), o qual profanará o santuário, impedirá o sacrifício diário e estabelecerá a “abominação desoladora” (11.31). Estes

serão “tempos de angústia” para todos os fiéis (12.1). Todo o quadro aponta para um único responsável: Antioco Epifanes.

Tudo isto confirma o que já havia sido dito anteriormente: o livro de Daniel foi escrito por volta de 166/165 aC e seu único objetivo é confortar e encorajar os judeus perseguidos por Antioco IV. Portanto, se quisermos compreender o livro de Daniel, devemos lê-lo de acordo com a intenção que foi escrito, ou seja, não como um relato histórico do passado, mas como um **testemunho de fé e perseverança diante da perseguição** da qual os contemporâneos do livro de Daniel são vítimas.

A MENSAGEM DE DANIEL

Uma única tônica percorre todo o livro de Daniel: a certeza da vitória final de Deus na História. Todos os fatos e acontecimentos da história, ainda que aparentemente contradigam a soberania divina, encontram-se a serviço de um único alvo: o estabelecimento do **REINO DE DEUS**.

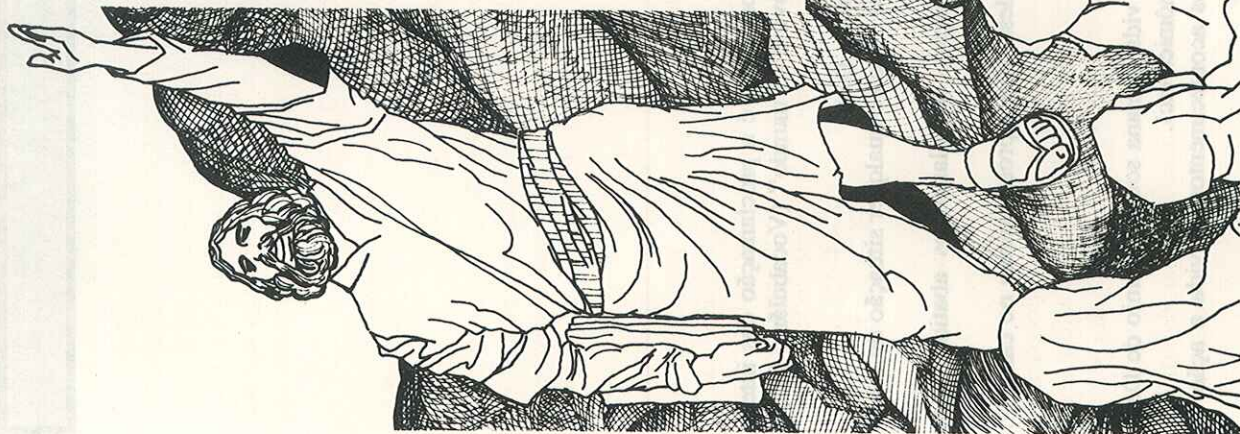
Por isso o livro de Daniel encerra uma crítica aos “reinos” que, aos olhos humanos, parecem absolutos e insuperáveis. Todos eles encontram-se sob o julgamento de Deus e são passageiros, ao passo que o Reino de Deus é eterno (2.44; 7.14; 7.27). A visão da grande estátua destruída e esmiuçada pela pedra que depois se transforma numa grande montanha que cobre toda a terra é o **símbolo da vitória do Reino de Deus** que abafa os reinos “deste mundo” (2.31-35; 2.44-45). A visão do capítulo 7 enfatiza igualmente a **vitória e a soberania de Deus** na história.

Deste modo, os judeus fiéis não poderiam ter outra atitude diante do poderio de Antioco IV, que desejava estabelecer-se como o único válido e definitivo, senão, a de resistência a todo o custo. É interessante observar que esta resistência deveria incluir a **prontidão para o martírio**. Assim é que os companheiros de Daniel enfrentam a fôrnalha de fogo: eles não esperam que Deus os liberte mas mesmo assim se recusam a adorar a imagem de ouro (3.17-18).

Com tal pregação, o livro de Daniel reacendeu a chama viva da fé e da esperança que já estava se apagando nos corações daqueles homens atormentados pela perseguição!

PARA REFLEXÃO EM GRUPO:

- O autor de Daniel apresenta ao povo a certeza da vitória final de Deus na História, mesmo que os fatos presentes não apontassem isso. Hoje, quais são os fatos que parecem indicar que a vitória final não está nas mãos de Deus?
- O autor anima aos fiéis a permanecerem firmes e resistirem aos “poderes daquele século”, não abandonando a fé em Deus. Como podemos resistir à esses fatos levantados na pergunta anterior, não nos “conformando (tomando forma) a eles”? (leia Romanos 12.1-2).
- Quais são os “Antiocos Epifanes” deste mundo que querem nos afastar do verdadeiro culto a Deus?



O Profeta

É a Boca de Deus no Mundo

“A profecia não é simples predição, é a proclamação das intenções de Deus em relação a seu povo e ao mundo” (Vocabulário Bíblico).

Profeta é todo aquele que, em nome de Deus:

1. Denuncia o pecado de seu povo e toda e qualquer situação de injustiça (Amós);
2. Anuncia a libertação, a salvação, consolando os abatidos (por exemplo: Deutero-Isaías);
3. Exorta os fiéis abatidos pelo desânimo a prosseguirem no caminho da fé (Ageu, Zacarias).

Para isso, o profeta:

1. Considera todas as esferas da vida humana sob o domínio de Deus (política, social, religiosa, econômica etc).
2. Vê nos fatos da história e nos acontecimentos da vida a ação de Deus em direção de seu Reino.